

SÉRIE
SEMÂNTICA E SINTAXE

SI

SEMÂNTICA E SINTAXE

Fascículo 1: **SEMÂNTICA E SINTAXE**
Reflexões para professores de Português

Para um eficiente aprendizado de Português, a gramática é de todo indispensável. Madre Olívia, e sua equipe, concentram seus esforços para colaborar na revisão da mesma. A presente série: SE/SI — Semântica e Sintaxe para uma Renovação da Gramática Portuguesa, é apresentada em três fascículos:

Fascículo N° 1: **Semântica e Sintaxe**

Fascículo N° 2: **Semântica e a Natureza da Língua**

Fascículo N° 3: **Verbo, Sujeito e Objeto**

O ensino gramatical, que já não era fácil, entrou em crise mais séria com o desenvolvimento da Linguística. Torna-se difícil um uso adequado das gramáticas tradicionais, se nelas não se efetuar uma revisão.

Muitos professores buscam ansiosamente soluções imediatas que, a rigor, não resolvem e às vezes aumentam as dificuldades do conjunto. Há mesmo os que preferem abandonar de todo ou diluir o ensino gramatical, apoiando-se na ilusão dos que o julgam coisa supérflua do passado. Existe sim o problema da gramática, à qual compete descrever o sistema da língua e explicar seus diferentes usos, sem desmerecer nenhum.

Os três fascículos são, fora de dúvida, uma contribuição de valor para tornar a língua materna mais conhecida e melhor ensinada e conseqüentemente se tornará instrumento mais adequado da comunicação com os outros.

Autora — Madre Olívia (Cília Coelho Pereira Leite) nasceu em São Paulo (SP). Doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae" da PUC-SP (1962). Professora catedrática de Língua Portuguesa da mesma Universidade, e coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação. Coordenadora do Instituto de Pesquisas Linguísticas para estudo de Português. Pela VOZES publicou várias obras da série "Prática de Português".



ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Capa: Omar Sant

SÉRIE
SEMÂNTICA E SINTAXE

SI

1

REFLEXÕES
PARA
PROFESSORES
DE
PORTUGUÊS

SEMÂNTICA E SINTAXE

MADRE OLÍVIA

SEMÂNTICA E SINTAXE

Série SE/SI: SEMÂNTICA E SINTAXE PARA UMA RENOVACÃO
DA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Fascículo nº 1

SEMÂNTICA E SINTAXE

Reflexões para Professor de Português

Série: SE/SI nº 1

MADRE OLIVIA
(Cília C. Pereira Leite)



Petrópolis
1979

© 1978, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25.600 Petrópolis, RJ
Brasil

Diagramação
Valdecir Mello



Ano Internacional
da Criança 1979

AGRADECIMENTO

Pelo apoio recebido da FAPESP: Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado de São Paulo — em 1965, 66,
67, 76 e 77.

«No fundo, falar e escrever são coisas engraçadas; a verdadeira conversa é um puro jogo de palavras. Só podemos espantar-nos com o erro ridículo das pessoas que acreditam falar pelas próprias coisas. O próprio da linguagem, isto é, que ela só cuida de si mesma, ninguém o sabe (...). Se ao menos se pudesse fazer as pessoas entenderem que a linguagem é como fórmulas matemáticas — elas constituem um mundo em si, funcionam apenas entre elas, nada exprimem senão sua maravilhosa natureza» (Novalis).

Apud Leyla Perrone-Moisés comentando o livro de Tzvetan Todorov: *Théories du Symbole*. Suplemento cultural do *Estado de São Paulo*, 22.1.78, p. 14.

SUMÁRIO

Prefácio	11
----------------	----

CAPÍTULO I: SEMÂNTICA, LÉXICO E SINTAXE

1.1. Estudos sincrônicos em semântica do léxico	15
1.2. A caminho da semântica sincrônica da sintaxe	17
— Contexto	18
— Consignação	20
1.2.1. Valor semântico e frase	21
1.2.2. Da relação entre significados de palavras também resulta(m) outro(s) significado(s)	22
1.2.3. O principal para o enfoque semântico	23
1.2.4. «Mas esta perspectiva desorienta», pensam talvez alguns. Eis um confronto	23
1.2.5. A respeito de método	24
1.2.6. Semântica e sintaxe: algumas reflexões	25
1.2.7. Vários métodos de análise semântica	27
1.3. Dados teóricos deveriam ter precedido as pesquisas?	27
1.3.1. Opinião de J. Mattoso Camara Jr.	27
1.3.2. Opinião de Robert Lado (da Universidade de Georgetown)	28
1.4. Relembrando a distinção <i>langue</i> e <i>parole</i>	29
1.5. Relembrando como ciência e pesquisa procedem	30

CAPÍTULO II: UMA LINGÜÍSTICA DAS RELAÇÕES

Explicação prévia	31
2.1. Ponto de partida	32
2.2. Afirmações que serviram de estímulo	33
2.3. Como perceber os valores subjacentes?	33
2.3.1. O ouvinte	34
2.3.2. O contexto	34
2.3.3. A relação como unidade	35

2.4. Saussure aproximou-se	35
2.5. Há «incoerência» entre forma e fundo?	36
2.5.1. Diminutivo com valor superlativo	36
2.5.2. Conjunção alternativa nem sempre exprime alternância, mas tem outros valores	37
2.5.3. A forma do tempo presente pode expressar outros tempos	37
2.5.4. A idéia de «presente» sem tempo presente	37
2.5.5. Condicionalidade sem tempo característico de condicional	38
2.5.6. Um trecho da «Pesquisa»	38
2.5.7. A conjunção «e»	41
2.6. Mas o que se relaciona em linguagem?	42
2.7. Tal «jogo» merece mais cuidado	44
2.8. Já não faz isso a sintaxe?	44
2.8.1. Sintaxe científica e lingüística das relações deverão coincidir	45
2.8.2. Alcance	46
Nota A	47
Nota B	47

CAPITULO III: VALOR SEMANTICO DE ESTRUTURAS ADVERSATIVAS

3.1. Valor adversativo de inclusão	49
3.2. Valor adversativo de exclusão	50
3.3. Valor adversativo excluidor de um elemento implícito	51
3.4. Valor adversativo objetativo	52
3.5. Valor adversativo contrastante	52
3.6. Valor adversativo descompensador pela consequência	53
3.7. Valor adversativo compensador	54
3.8. Valor adversativo atenuante	54
3.9. Valor adversativo atenuante pela possibilidade de vencer o obstáculo	55
3.10. Valor adversativo superativo	56
3.11. Valor adversativo pela apresentação de outro enfoque	59
3.12. Valor adversativo justificativo	59
3.13. Valor adversativo comparador por diferença	61
3.14. Valor adversativo entre algo negado e algo afirmado	62
3.15. Valor adversativo de desconexão	63

3.16. Valor adversativo de desencontro ou de decepção	64
3.17. Valor adversativo de reprovação/aprovação	64
3.18. Valor adversativo refutativo	66
3.19. Valor adversativo por algo inaceitável	66
3.20. Valor adversativo de obrigatoriedade ou compulsivo	67
3.21. É previsível que ocorra, em textos mais elaborados, «adversativo» que faça intersecção entre dois ou três tipos	68

CAPITULO IV: SEMANTICA HOJE E O PROFESSOR DE PORTUGUÊS

4.1. Alguns aspectos do desenvolvimento da semântica	70
4.2. Pesquisas em semântica	71
4.3. Publicar para suscitar crítica e aprender melhor	74
4.4. A análise semântica sincrônica é necessária	74
4.4.1. Essa análise já é possível: em curso superior	75
4.4.2. Essa análise já é possível: em curso de 1º e 2º graus	76
4.5. Antes de encerrar	77
4.6. Incentivadores	78
Notas	79

PREFÁCIO

FASCICULOS DE SEMANTICA E SINTAXE PARA PROFESSORES DE PORTUGUÊS

Madre Olívia

A série SE/SI: Semântica e Sintaxe para uma Renovação da Gramática Portuguesa, começa com três fascículos: 1º) *Semântica e Sintaxe. Reflexões para professor de Português.* 2º) *Semântica e a Natureza da Língua.* Contribuição a uma gramática científica do Português e a uma teoria do signo lingüístico. 3º) *Verbo, Sujeito e Objeto.* Pesquisa na estrutura semântica da língua portuguesa.

Os professores de Português da PUC/SP, pesquisadores que trabalham também no I.P. — Instituto de Pesquisas Lingüísticas «Sedes Sapientiae» para Estudos de Português — na mesma Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, são de opinião que:

— é muito válido o esforço necessário para oferecer subsídios a uma gramática científica da língua portuguesa e a uma pedagógica, condizente com a ciência da língua.

O ensino gramatical, que já não era fácil, entrou em crise mais séria com o desenvolvimento da Lingüística. Tornou-se difícil um uso adequado das mesmas gramáticas tradicionais.

São muitos os colegas que buscam ansiosamente soluções imediatas que, a rigor, não resolvem e às vezes aumentam as dificuldades do conjunto. Há mesmo os que preferem abandonar de todo ou diluir o ensino gramatical, apoiando-se na ilusão dos que o julgaram coisa supérflua do passado.

Existe sim o problema da gramática, à qual compete descrever o sistema da língua e explicar seus diferentes usos, sem desmerecer nenhum.

Para um eficiente aprendizado de Português, a gramática é de todo indispensável, e estamos concentrando nossos esforços para colaborar na sua revisão.

Visto que as pesquisas se acham em fase de realização, pareceu preferível publicar em fascículos, e a Série SE/SI considera que o signo lingüístico em suas diferentes dimensões mantém a dupla face: /relação significante/ de /valor significado/. Aquela é objeto da sintaxe, este, da semântica, e, se no signo não se separam, também semântica e sintaxe precisam caminhar juntas.

Eugênio Coseriu comentou que «a gramática deve ser semântica em sua totalidade», trecho que o fasc. 2 inclui na conclusão. Pensamos que ele concordará que a gramática é semântica e sintática em sua totalidade.

São comuns constatações como a seguinte: «Os adolescentes, nossos alunos, não sabem nem organizar seus próprios pensamentos. Então não conseguem falar d'reito, escrevem mal e não compreendem o que lhes dizemos ou o que lêem».

Professores e pais que notam esse fato não parecem cogitar que lhes cabe, em grande parte, a responsabilidade por essa lacuna. E dentre os professores, somos nós, os da língua materna, que poderíamos cooperar mais diretamente.

Por que dizemos isso?

Permitam-nos trocar algumas idéias com vocês:

a) Para um grande número, língua é instrumento de comunicação entre as pessoas e por isso a escola ensina dois códigos de natureza física: o das letras e o dos sons articulados, como se a língua consistisse neles.

Ora, o código da língua é todo ele um conjunto de *relações significantes* de natureza intelectual, não-física como letra e som, e é esse código que permite ao homem **verbalizar** o mundo, intelectualmente no seu pensamento.

Mas tal código apenas começa a ser investigado objetivamente ao nível de pesquisas científicas. A tradição tem considerado, de maneira mais ou menos tácita, que a «competência lingüística intuitiva» é suficiente.

Se fosse, ela bastaria para todos saberem raciocinar, e ninguém diria, como tantos fazem, que os jovens não conseguem organizar os próprios pensamentos.

b) A língua não é só meio de comunicação com os outros. Antes disso ela é o instrumento com que o homem inteligente **significa** para si o mundo ao seu redor, tomando conhecimento dele no processo vital da inteligência que é ato de pensar, verbalizar, raciocinar.

A comunicação do eu consigo mesmo, mediante o código próprio da língua, condiciona e precede a comunicação com os outros, requerendo outros códigos para canalizar o primeiro na ordem da substância visível e audível.

c) Então o sujeito-pensante, requisito para o emissor e o receptor das comunicações orais e escritas, precisa ocupar a atenção e o trabalho dos professores de Português.

A respeito da língua materna, cada indivíduo necessita adquirir habilidade em três posições, e não somente em duas:

1*) a do sujeito-pensante, codificador e decodificador consigo mesmo na tomada de consciência e de conhecimento;

2*) a do sujeito-pensante, codificador na comunicação social;

3*) a do sujeito-pensante, decodificador na comunicação social.

d) O código primeiro, que é o da língua, consiste num sistema de relações significantes que não pode ficar apenas à mercê de intuições

para muitos mais ou menos vagas. Merece que a pesquisa e o ensino lhe dêem atenção, lugar e tempo.

Julgamos que somente assim será possível atenuar as falhas tanto na organização dos pensamentos como na comunicação com os outros.

e) As duas ciências (pois que são dois processos), a da língua e a da comunicação social, se complementam, mas são duas. E tem havido confusões a esse respeito: alguns referem-se à comunicação com os outros como sendo ou envolvendo a língua a ponto de se reduzirem quase a uma coisa só.

Importa distinguir. A aparente inserção das «relações significantes de valores significados», digamos das *relações/valores* do sistema lingüístico, na ordem física da comunicação interpessoal, não modifica a natureza do sistema da língua, que continua sendo inteiramente intelectual, não-física como sons e letras.

Se até hoje muitos misturaram língua e comunicação, esse engano foi desvantajoso para ambas e para os homens.

f) Por tudo isso, a língua materna, cuja competência na infância é adquirida por intuição, precisa ser mais conhecida e melhor aprendida na escola para ser eficaz na dimensão do ato intelectual que permite conhecer e, conhecendo, amar.

Quando for mais conhecida e melhor ensinada, conseqüentemente se tornará instrumento mais adequado da comunicação com os outros.

Para entender o fenômeno lingüístico que marca intensa e extensamente a vida humana, é necessário pesquisar. Também o é para melhorar a qualidade das comunicações que a vivência comunitária solicita.

Não queremos ser dos que derrubam o passado para construir o presente. Preferimos aproveitar ao máximo o esforço imenso da tradição e evoluir a partir dela. Mas somos, como já escrevemos alhures, dos que pensam como Galileu pensava: «A ciência precisa da pesquisa e esta somente se justifica se contribuir para aliviar a dureza da vida humana».

g) Publicações do I.P. até julho de 1978:

Série: PRÁTICA DE PORTUGUÊS

n. 1. *Termos da Oração* (análise sintática), 5ª ed.

n. 2. *Relacionamento entre Orações*, 6ª ed.

n. 3. *Colocação de Pronomes*, 3ª ed.

n. 4. *O Emprego da Crase*, 3ª ed.

Volumes editados por J. Ozon de que restam alguns exemplares:

Uso da Vírgula

Regência Verbal

Concordância

Valores da Preposição

Série: PRÁTICA DE ANÁLISE SEMÂNTICA NO APRENDIZADO DE PORTUGUÊS

- n. 1. *Iniciação à Análise Semântica*. 3ª ed. esgotada (nova ed. em estudo).
- n. 2. *Treinamento em Análise Semântica*. 3ª ed. por Vozes.
- n. 3. *Análise Semântica Aplicada a Textos*. 3ª ed.

LIVROS: *Nova Análise Semântica*. Ensaio de contribuição ao conhecimento da dinâmica da língua e para colaborar na renovação do ensino de Português. (Restam poucos exemplares).
Nova Semântica. Contribuição à teoria semântica. A 4ª ed., no prelo, sob a forma de fascículos.

Série: SE/SI: SEMÂNTICA E SINTAXE PARA UMA RENOVAÇÃO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA

- Fascículo n. 1. *Semântica e Sintaxe*. Reflexões para professor de Português (no prelo).
- Fascículo n. 2. *Semântica e a Natureza da Língua*. Contribuição à semântica numa gramática científica do Português e a uma teoria do signo lingüístico (no prelo).
- Fascículo n. 3. *Verbo, Sujeito e Objeto*. Pesquisa na estrutura semântica da língua portuguesa (no prelo).

Série: JOGOS DE ORTOGRAFIA (pela Apoio S/A)

- n. 1. *Emprego de G - J*.
 - n. 2. *Emprego de X - CH*.
 - n. 3. *Emprego de S - Z*.
 - n. 4. *Emprego de C - S - Ç - SS*.
- Jogos de acentuação* (em estudo para entrar no prelo).

Série: JOGOS DE LINGUA PORTUGUESA
[enquanto relações/valores] (em fase de pesquisa e elaboração)

Encerrando, deixamos nosso endereço para facilitar o que desejamos muito receber dos caros Colegas: críticas e sugestões.

I.P. (Instituto de Pesquisas)
Rua Monte Alegre, 984, sala 25 (PUC/SP)
05014 São Paulo - SP

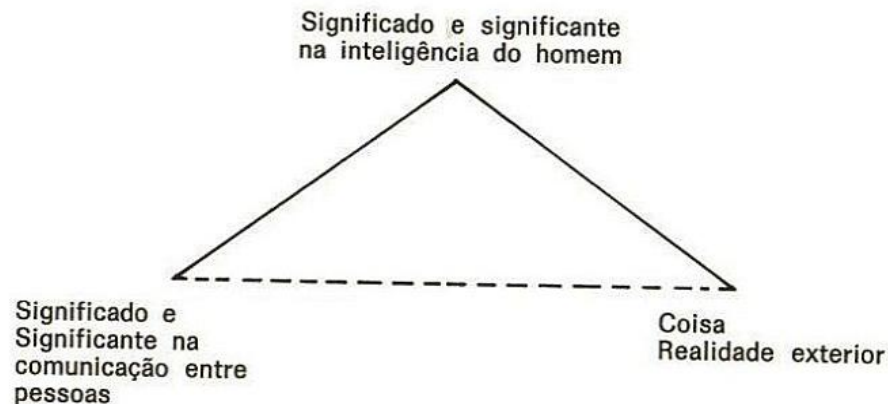
Capítulo I

SEMÂNTICA, LÉXICO E SINTAXE

1.1. Estudos sincrônicos em semântica do léxico

Ogden e Richards, ingleses da Universidade de Cambridge, tentaram explicar, por meio de um triângulo, algo da relação existente entre «pensamento, símbolo e realidade».

Stephan Ullmann, da Universidade de Leeds, outro inglês interessado em semântica, aproveita o triângulo e de certa maneira o simplifica:

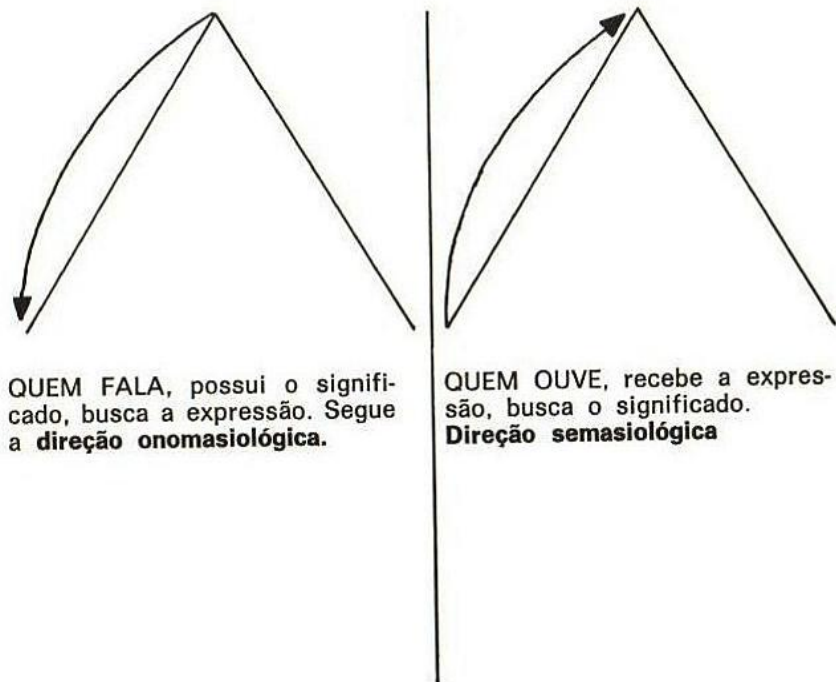


(Trechos revistos da obra esgotada *Nova Semântica*, 3ª ed., de Madre Olívia)

Dessa apresentação esquemática, podemos tirar alguns ensinamentos.

DEDUÇÕES QUE O TRIÂNGULO PERMITE

- 1ª) Não há relação direta entre as palavras e as coisas: o vocábulo «cobra» não morde; os sons fonéticos de «câncer» não matam; a palavra «comida» não alimenta.
- 2ª) Examinando melhor os componentes do triângulo, entendemos logo as «duas direções»:



- 3ª) O «triângulo» nos convence de que entre os componentes da linguagem há uma rede de conexões, ordenação entre os elementos, **ESTRUTURA, SISTEMA**.
Abre à semântica perspectivas estruturalistas.

- 4ª) Se, para efeito de método, separamos «as peças do jogo» (*langue*), do mesmo jogo (*parole*), o triângulo faz pensar que, na realidade, o conjunto constitui um todo.

Dâmaso Alonso lembra que o significante não transmite só um significado, e sim todo um delicado complexo de elementos, porque emana do falante que tem sua riquíssima carga psíquica, e chega ao ouvinte, dotado igualmente de natureza psíquica complexa.²

- 5ª) Se não há relação entre «expressão» e «conteúdo», não basta haver «imagem acústica» para existir «palavra». Atopé... nifóssipar... não são palavras em português.

Donde se deduz que estudar o sistema *langue*, fazendo exclusão do significado, só pode ser aceito como método de trabalho provisório, desde que não leve a esquecer que a ciência busca o conhecimento completo do objeto em estudo.

1.2. A caminho da semântica sincrônica da sintaxe

Uma nova orientação, rica de conseqüências, foi o estudo do «campo associativo de palavras», que levou à noção de «estrutura do léxico».

Por assim dizer, termina então a semântica da «palavra solta, avulsa», ou, como dizem alguns, a «semântica atomizada».

Ainda não se distingue bem todo o alcance da nova perspectiva estrutural, mas é patente sua relevância.

Cada significado supõe uma área semântica com possíveis associações a outras áreas.

Até onde a fronteira desta?... da seguinte?... da outra?...

Se algumas apresentam delimitações exatas (medidas, números, nomes de países etc.), outras oscilam, imprecisas.

«Na linguagem a significação é, por natureza e princípio, fluida e fugidia; e é até esse aspecto que dá à significação lingüística a necessária elasticidade para poder traduzir as mais variadas cambiantes situações concretas».³

Qual o papel do CONTEXTO?

Lembremos o caso das «notas escolares». Se o professor Mário adota somente uma escala tripartida, ótimo, bom e mau, o campo de cada conceito será diferente desses mesmos conceitos na escala do professor Rafael, que prefere distinguir, «ótimo, muito bom, bom, regular, sofrível, mau, péssimo».

Prof. Mário	ótimo		bom			mau			
Prof. Rafael	ótimo	m. bom	bom	reg.	fraco	sofrível	mau	péssimo	

E Jost Trier, em Heidelberg, notando essa questão, concluía: «... as palavras constituem um conjunto estruturado: cada uma depende das outras... como as peças de um *puzzle*».

Qualquer mudança num significado influi nos significados vizinhos e, por conseguinte, nas palavras que os exprimem.

O CONTEXTO

«O significado básico da palavra é cambiante. Pode-se compará-lo a um pano furta-cor, do qual cada tonalidade precisa, depende da posição em que nos colocamos em relação a ele. Cada significado exato depende do CONTEXTO».⁴

E essa dependência às vezes vai muito longe.

Aliás, toda a língua é um tecido de relações. Cada elemento pode ser combinado com outros de diversas maneiras, modificando ou matizando semas.

Não se compreende nenhum comunicado sem as relações que interligam os diferentes termos.

Na vivência cotidiana, nós nos guiamos pelo contexto, tanto ao desempenhar o papel de ouvinte como o de emissor.

Em que consiste o contexto? Parece haver diversos casos:

- Contexto é apenas o que precede e segue imediatamente um determinado trecho.
- Abrangerá às vezes extensão maior.
- Na novela de Camus *A Peste*, a última frase supõe, como contexto, a obra inteira. No início «peste» é uma doença que devastou a cidade de Oran em 1940. Só as últimas palavras e tudo que precedeu fazem-nos perceber que se trata da ocupação estrangeira.
- O contexto lingüístico em certos casos só é compreensível mediante a situação, sobretudo na linguagem oral.

<p>Numa peixaria: "Quero robalo" (não assusta)</p>	<p>Num banco: (apontando o revólver) "Quero robalo" (assusta)</p>
--	---

As vezes cabe ao contexto até a divisão fonética dos vocábulos:

a pontaaponta
cura dorcurador
mal ditomaldito
só mentesomente

Cabe lembrar que a situação pode supor o «universo do discurso», isto é, o conjunto de conhecimentos da época, a cultura em geral. Assim a viagem à volta da Terra, de Júlio Verne, não «significava» o mesmo que hoje.

Quantas vezes o humorismo se aproveita da confusão proposital entre universos do discurso:

SÃO PAULO DE PIRATININGA

Fragmentos de um jogral anônimo

No ano da graça de 1532, o capitalista D. João III, de Portugal, resolveu abalar a velha e decadente Europa com uma notícia sensacional.

«Vou fazer uma apelação, apelação, apelação...»

Firmou sociedade com o rei Pelé e resolveu fundar uma boite no encantador e tropical Brasil. Dom João, ou John para os íntimos, era sujeito pra frente.

A notícia correu via satélite e foi também publicada no Times, Estadão, Folhas etc.

Seria uma boite diferente, onde «quem não gosta de samba, bom sujeito não é... É ruim da cabeça ou doente do pé».

Para cuidar dela, escolheram o garotão Martim Afonso de Sousa, que estava calmamente gozando o seu 13º, num agradável *week-end*, ao lado de Rita Pavone, quando recebeu a notícia.

Imediatamente Martim Afonso foi entrevistado por Hebe e a Jovem Pan... etc.

Temos CONSIGNAÇÃO quando a palavra significa um certo objeto, e ao mesmo tempo está ligada a outro, do qual se tornou símbolo ou imagem: preto ... significa cor e significa «luto».

Mas a força do contexto, ainda que grande, não deixa de ter seus limites. Há em cada palavra um núcleo de significados mais ou menos estável. Se assim não fosse, mal poderíamos falar... Ficaria muitíssimo complicado. Justifica-se, pois, haver não só uma semântica da sintaxe mas também a do léxico.

1.2.1. Valor semântico e frase

A «UNIDADE» NA SINTAXE TRADICIONAL

Até agora, de modo geral, «a sintaxe estudou as relações que as palavras mantêm entre si quando se estruturam numa frase». Esta é a definição que pode ser tomada como típica (*Dicionário Gramatical*, Editora Globo, Rio 1962, verbete «Sintaxe»). Para a sintaxe que a tradição nos legou, a «unidade» é a «frase», ou melhor, aquele tipo de frase comum chamada «oração», que possui pelo menos dois termos essenciais: sujeito e predicado.*

Obs.: Distinguimos «frase» e «oração»:

Frase é a «divisão elementar do discurso que não contém todos os dados lingüísticos para a comunicação do seu assunto, e que é completada pela mímica ou por elementos extrínsecos, decorrentes da situação em que é anunciada. Ex.: «Fogo!»

Oração é a frase que contém todos os dados lingüísticos necessários, sem precisar de mímica ou de situação externa.*

Todavia, deixemos os termos «frase» e «oração» como equivalentes, pois o professorado de Português em geral, e muitos, comumente, assim o consideram.

Esse tipo de unidade permitiu estruturar o plano das combinações sintáticas que, se ainda não esgotam as virtualidades da língua, pelo menos conseguiram explicar uma porção de fatos lingüísticos.

Mas até hoje a sintaxe não alcançou firmar-se em nível científico.

Dizer que compete à Sintaxe estudar as «relações» é fato, se entendermos que se trata de relações, não simplesmente entre palavras, e sim, de todo e qualquer relacionamento na constituição da língua. Mas afirmar que ela estuda «as relações... (só) na frase», não será diminuí-la?

Todo e qualquer relacionamento lingüístico precisa ser estudado. A sintaxe científica dos dias de hoje poderá ser uma Lingüística das relações.

VALOR SEMÂNTICO,
UNIDADE LINGÜÍSTICA A CONSIDERAR

O significado das «relações» existe na inteligência do homem à maneira de *valor*, e não, mediante as coisas em si, com formato, peso e medida.

Não tem natureza física como o som articulado. Não tem extensão linear como a sílaba. Não tem corpo sonoro como a palavra dicionarizada. Não tem ligação direta com a frase escrita. Não é som, não é letra.

Como explicá-lo? Valor semântico é o significado das relações lingüísticas.

É ele a *unidade* que a *semântica da sintaxe* procura observar.

1.2.2. Da relação entre significados de palavras também resulta(m) outro(s) significado(s)

- I) Palavras isoladas Marieta
Ricardo
dançar

relacionadas: RICARDO DANÇOU COM MARIETA.

No contexto, tecido pelas relações, surgem significados que não estavam nas palavras avulsas (a não ser como simples possibilidades, caso entrassem no jogo do relacionamento):

- agente Ricardo
— ação no passado dançou
— parceiro agente (com) Marieta.

- II) Palavras isoladas artista
nascer
Paulo

relacionadas: PAULO NASCEU ARTISTA.

Valores que surgem do contexto:

- valor de sujeito com quem se deu o acontecimento de «nascer artista» Paulo
— ... acontecimentos *nascer* e «*nascer artista*»
— ... caracterização do sujeito no acontecimento (Paulo nasceu) *artista*.

1.2.3. O principal para o enfoque semântico

O principal por ser o mais simples é tomar consciência do caminho que seguimos na vida cotidiana para decodificar fatos da língua:

- 1º) Captar o conjunto das combinações no contexto lingüístico.
- 2º) Procurar entender os significados menores de subconjuntos do mesmo contexto.

Obs.: Os que se prenderem a pormenores antes de perceberem o(s) conjunto(s) maior(es), decodificarão parcelas e criarão mal-entendidos.

1.2.4. «Mas esta perspectiva desorienta», pensam talvez alguns. Eis um confronto:

UM DIA O CHEFE ME CHAMOU A SUA CASA

Em semântica	Do ponto de vista da sintaxe
<p>Aí se encontram pelo menos <i>doze</i> valores:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Um dia... valor temporal 2. Um (dia)... valor de imprecisão do valor temporal 3. O chefe... valor de sujeito agente 4. O (chefe)... valor de individuação precisa do agente 5. <i>Chefe</i>... caracterizador da pessoa pelo posto que ocupa 	<p>Há uma oração com <i>seis</i> termos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sujeito... o chefe 2. Predicado... chamou 3. Objeto indireto... me 4. Adjunto adverbial de tempo... um dia 5. Adjunto adverbial de lugar... à sua casa

6. *Me* (chamou)... v. de referência ao receptor do chamado
7. Chamou... v. de ação
8. Chamou... v. de tempo passado
9. Duração conclusa (aspecto verbal)
10. À sua casa... v. de lugar «para onde»
11. A (casa)... v. de individualização precisa do lugar «para onde»
12. *Sua* (casa)... v. de referência à coisa possuída (casa)

6. Adjuntos adnominais:

o (chefe)

um (dia)

a (casa)

sua (casa)

1.2.5. *A respeito de método*

Alguns receavam que se caísse em anarquia. Ora, na vida real não existe «anarquia». O ouvinte percebe o jogo dos valores. Orienta-se por ele para raciocinar, para entender os que lhe falam, e serve-se deles quando, por sua vez, fala também.

O método, portanto, para ser objetivo, *seguirá refletidamente o mesmo caminho que o ouvinte segue ao compreender aquele que lhe comunica alguma coisa.*

Só a escola encontrou dificuldade. A escola é racional e o jogo, em grande parte, é intuitivo. Mas é lícito raciocinar a respeito de nossas intuições.

Os conceitos avulsos — casa, dia, chefe etc. — são portadores de algum significado. Mas neles, enquanto permanecem avulsos, não se encontram os valores apontados. Uma vez em relação uns com os outros — e só aí se encontra o jogo — teremos as idéias de tempo real, imprecisão no tempo, agente, receptor etc. O valor é algo a mais, ou, se não for a mais quantitativamente, será a mais enquanto «diferente».

Ainda há muito por conhecer. Quando os estudiosos tiverem acertado com o sistema, que é o mundo das relações da língua, também ficará mais fácil o acesso ao jogo dos significados. E vice-versa.

Por enquanto, como disse Donald Solá, há tentativas mais ou menos isoladas, esforços mais ou menos pessoais, escolas, correntes, tendências mais ou menos dispersas. As sínteses ainda parecem remotas.

Urgem a sintaxe e a semântica científicas

O esquema que a tradição transmitiu para a sintaxe repousa muitas vezes em dados convencionais. Merece estudo erudito, de ilustração, pois é peça também de muito engenho, mas na medida em que é arbitrária, complica inutilmente a análise da língua.

Quando a escola passar a observar, com método objetivo, o jogo real, verdadeiro, da nossa língua, não será mais necessário dizer como fazem agora (segundo ouvi de Mattoso Camara): «Felizmente, na vida, esquecemos o que a escola, com tanto trabalho, nos ensinou!»

POR QUE NÃO ESTUDAR MELHOR A ORGANIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA?

1.2.6. *Semântica e sintaxe: algumas reflexões*

- ... princípio básico estrutural da investigação moderna: ver as coisas no conjunto. A **RELAÇÃO É ESSENCIAL**.
- «O lingüista não deveria esquecer que o ato da comunicação supõe sempre a semântica e a sintaxe.
- ... Querer saber qual das duas é mais importante, falso problema.¹
- «Certas palavras instrumentais, sobretudo as preposições, podem exprimir numerosos valores, e seu estudo cabe à *Semântica da sintaxe*».²

Também, e com maior razão, a semântica sincrônica, no plano da sintaxe, mergulha em estudos estruturais: observando «valores», isto é, significados de relações, procura, por isso mesmo, conhecer «estruturas», «sistemas».

Se consta ter havido alguns lingüistas que pensavam poder atribuir o conceito de «estrutura» exclusivamente à *langue*, essa atitude foi ultrapassada. A *langue* se acha na *parole* e, por meio desta, deduziremos os princípios organizadores do sistema *langue*.

Aceitamos ainda que também a *parole*, enquanto tal, apresente sua própria «ordenação», por enquanto pouco conhecida, talvez por ser mais intrincada.

Cabe lembrar uma reflexão de Chomsky: «Dois aspectos constituem a estrutura sintática: 1º) uma superfície diretamente relacionada com a forma fonética; 2º) uma estrutura profunda que subjaz à interpretação semântica».*

É um pouco adiante explica: «Cada descrição estrutural contém uma estrutura de superfície que determina a forma fonética, e uma estrutura profunda que determina o conteúdo semântico».¹⁰

A LÍNGUA, UM SISTEMA DE VALORES que desempenham papel de grande relevo, o que nos incentiva a examiná-los cada vez mais.

Dos «valores» depende a movimentação do «jogo»; são a unidade dinâmica da *parole*.

A comparação com xadrez é aproveitável: X... ao lado de Y... frente a Z..., atrás de J... Das relações entre as «figuras» resultam «significados» que a inteligência humana compreende, os quais dão origem a outra jogada, impulsionando o funcionamento da «partida de xadrez».

VALORES, SIGNIFICADOS DE RELAÇÕES, eixo propulsor do movimento, unidade-dinâmica com que a língua atua.

Pesquisas na estrutura do Português permitiram tentar um elenco dos VALORES SEMÂNTICOS MAIS FREQUENTES.¹¹

Tornaram igualmente possível a elaboração dos volumes didáticos a fim de iniciar a prática de «Análise semântica sincrônica», no desejo de preencher uma lacuna no ensino de nossa língua materna.

Se de longa data a escola deu guarida à análise sintática, ficou muito vazio o lugar da semântica. É necessário conhecer ambas; ambas contribuem para o mesmo objetivo essencial: levar o aluno a ADQUIRIR HABILIDADE NO USO DA LÍNGUA.¹²

Ensinando apenas uma, omitindo a outra, fica muito incompleto, muito falho.

1.2.7. Vários métodos de análise semântica

- 1º) Delimitar um texto e nele procurar apenas um determinado valor. Por exemplo: o valor consecutivo.
- 2º) Procurar um conjunto de valores. Ex.: condição-condicionado, possuidor-possuído, adversativo atenuante, objetativo etc.
- 3º) Delimitar um valor e extrair de uma obra ou de uma linguagem oral os recursos que o exprimem.
- 4º) Conforme o resultado da pesquisa, feita pelo 3º método, mostrar diferentes «tipos» do valor que, de início, parecia ser um só.
(Foi o caso do «adversativo» em análises realizadas há alguns anos. E que transcrevemos a seguir. Ver capítulo III).
- 5º) Analisar todos os valores de um trecho, na ordem em que se apresentam ao receptor. (Com 5 ou 6 linhas, pode-se demorar muito. Depende do texto).
- 6º) Partir de uma palavra e buscar em tal obra os valores que ela comunica. (O caderno de *Exercícios de Análise Semântica*, 3º grau, segue inicialmente esse caminho. Ver nota 12). Etc.

1.3. Dados teóricos deveriam ter precedido as pesquisas?

No caso da análise semântica, fruto da PESQUISA NO FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA, a «teoria» foi preocupação posterior: está decorrendo dos resultados obtidos e deverá evoluir acompanhando estes.

Mas a pergunta acima se colocou deveras. Fez pensar muito, retardou publicações etc. Duas cartas resumirão esse longo período:

1.3.1. J. Mattoso Camara Jr. à «Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo»

Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1964

Tendo lido e examinado o projeto de pesquisa organizado por Madre Olívia da Faculdade «Sedes Sapientiae», tomo a liberdade de recomendá-lo à consideração dessa Fundação.

Um dos grandes males do ensino entre nós, em todos os seus graus, é a maneira convencional e falha por que é tratada a linguagem, em si mesma e na sua concretização.

Como a linguagem e manuseio da língua materna são as condições primordiais do funcionamento da comunicação social em todos os seus aspectos, a má orientação no seu ensino repercute em todas as esferas da nossa atividade, mesmo naquelas que, à primeira vista, parecem mais distantes dos estudos lingüísticos.

Por isso acho que a Fundação de Amparo à Pesquisa, embora mais diretamente voltada para o campo das ciências físicas, não deve esquecer os prejuízos que a elas chegam por reflexo, em virtude do instrumento comunicativo defeituoso que é utilizado entre nós.

Seja-me lícito lembrar que um país líder de pesquisas físicas, como os Estados Unidos, cuja vida cultural e universitária conheço de perto, dedica cada vez mais atenção aos problemas sócio-lingüísticos.

A grande falha no ensino da linguagem e da língua materna está no desconhecimento do que realmente vigora de maneira espontânea na comunicação social.

Só na base desse conhecimento se pode construir um sistema de ensino da língua e da expressão lingüística, genuinamente eficiente; a linguagem dirigida, como a economia dirigida, tem de assentar numa realidade social inconcussa.

A isso visa exatamente o excelente projeto de Madre Olívia, que é o de uma pesquisa objetiva e experimental no campo da linguagem.

Assinado: J. Mattoso Camara Jr.

1.3.2. Robert Lado, lingüista americano à Madre Olívia

Málaga, 24 de agosto de 1967

Como expliquei em minha conferência, é importante que o «lingüista aplicado» mantenha a autonomia de seu campo no que diz respeito às «teorias» e ao trabalho dos lingüistas teóricos ou «puros».

O que faz lingüística aplicada informe-se quanto às teorias e uso delas até onde se aplicam ao seu problema prático particular.

Mas não se deixe limitar pela teoria.

Os problemas de lingüística aplicada são geralmente muito complexos e requerem soluções que envolvem mais do que qualquer ciência isoladamente pode oferecer.

A psicologia por exemplo está freqüentemente a braços com problemas de lingüística aplicada. Todavia nem a psicologia, nem a lingüística, acham-se suficientemente desenvolvidas para oferecerem respostas à maioria dos problemas da lingüística aplicada.

O lingüista aplicado NAO DEVE ESPERAR POR SOLUÇÕES TEÓRICAS de seus problemas. Deve continuar suas pesquisas, usando métodos científicos e relatando os resultados com objetividade.

A história da ciência está cheia de exemplos em que o progresso na solução de problemas práticos, isto é, aplicados — seja na eletricidade, seja na vacinação etc. —, forçou a modificação de teorias correntes na época, ou forçou até mesmo a criação de novas teorias, para explicar os fatos relatados pelo «trabalho aplicado».

O caso de Pasteur, por exemplo, que foi ridicularizado pelos cientistas de seu tempo. Agora admiramos Pasteur, mas devemos as descobertas científicas que fez à sua independência, à sua autonomia, ao investigar os problemas práticos da febre puerperal e da raiva.

Com isto eu gostaria de encorajá-la a continuar seu trabalho de pesquisas na análise semântica prática da língua viva.

Muito sinceramente

Assinado: Robert Lado

1.4. A semântica sincrônica interessa o sistema da língua que supõe «langue» e «parole»

Recordando a distinção

LANGUE	PAROLE
1. Sistema de convenções, conjunto de elementos coordenados entre si	1. Emprego de alguns elementos do sistema <i>langue</i>
2. Sistema permanente, herança que o povo confia ao indivíduo	2. Aplicação momentânea
3. Patrimônio coletivo, fato social	3. Fato pessoal
4. Realidade de ordem intelectual; existe na inteligência dos que o possuem	4. Realidade na ordem da comunicação «falante e ouvinte» e na ordem do ra-

5. Atualiza-se na *parole*
6. Deve obedecer a leis sociais
7. Diante da *langue* os homens são receptáculos passivos
8. Nivelada os membros da comunidade

- ciocínio, sujeito pensante que é falante e ouvinte consigo mesmo
5. Não existiria sem a *langue*
 6. Deve ter suas próprias leis
 7. A *parole* é ato da vontade deliberada
 8. Manifesta a atitude do falante

1.5. Como procedem ciência e pesquisa

Qualquer ciência busca conhecer de maneira objetiva e metodológica o fato que estuda.

Mesmo quando este supõe o homem com a carga psíquica complexa, sob tantos aspectos altamente subjetiva.

Deve o estudioso OBSERVAR COM OBJETIVIDADE mesmo os dados SUBJETIVOS que se lhe apresentam.

CAMINHO: observação do objeto em estudo, sem preconceitos ou posições prévias já estabelecidas.

Trabalho de PESQUISA supõe:

1ª etapa

1. indagações diante do desconhecido;
2. muita reflexão, observando o objeto pesquisado;
3. formulação de uma HIPÓTESE

2ª etapa

1. levantamento de dados capazes de comprovar ou invalidar a hipótese;
- 2a. aplicação do método indutivo que vai do particular ao geral;
- 2b. em outros casos do método dedutivo: diante de fatos lingüísticos, proceder por deduções, sem todavia generalizar.¹³

Obs.: Não havendo possibilidade de comprovar a hipótese, esta será rejeitada e substituída por outra que tenha surgido, se houver tempo e demais condições. (Então recomeça-se a 2ª etapa. A rejeição de uma hipótese não invalida a importância da pesquisa.)

Capítulo II

UMA LINGÜÍSTICA DAS RELAÇÕES

EXPLICAÇÃO:

A conferência que teve como título «Chegaremos ao capítulo 'Lingüística das relações?」 foi discutida em sessão plenária do PRIMEIRO ENCONTRO da ALFAL (Associação de Filólogos e Lingüistas da América Latina), em janeiro de 1964, na cidade de Viña del Mar, Chile.

Despertou interesse, e muitos latino-americanos se inscreveram para receberem o texto e notícias destas pesquisas. Mas a ALFAL iniciava sua organização e, tendo havido dificuldades de ordem externa à Associação, vários documentos se perderam, o que impossibilitou a publicação dos Anais.

Para atender aos colegas que aguardam notícias e por corresponder ao assunto deste fascículo, a palestra aqui se acha tal como se apresentou em 1964.

Naquela época ainda não tínhamos consciência clara do plano semântico da língua; o que nos preocupava eram as confusões sintáticas perante os significados.

*CHEGAREMOS AO CAPÍTULO:
LINGÜÍSTICA DAS RELAÇÕES?*

Aqui se acham algumas perspectivas abertas pela tese de Concurso para Cátedra:

Pesquisa no Funcionamento da Língua Portuguesa, da autora.

Conferência

no I Encontro da ALFAL (Associação de Filólogos e Lingüistas da América Latina)

Viña del Mar, Chile, janeiro de 1964.

2.1. Ponto de partida

A idéia da «Pesquisa no Funcionamento da Língua Portuguesa» surgiu em aulas do Professor Jacinto do Prado Coelho, na Universidade de Lisboa, em 1958. Seu programa de «Introdução aos Estudos Lingüísticos» comportava um item «Gramática Formal e Gramática Funcional».

Abriu-se um horizonte: Não seria uma pista para resolver o problema do decantado «mistério da fala», das incoerências da língua, dos perigos de uma sistematização que, depois, a prática não apóia?

Secheyne pôde afirmar ser imprudente refletir muito em regras gramaticais"; por pouco que se aprofundem, surgem contradições. A esterilidade da língua viria daí¹⁵ — «as gramáticas nasceram erradas...» etc. Muita gente já discutiu o assunto e eu trazia comigo esse problema há anos.

Compreendi e pensei: há gramática e gramática. A herança tradicional é preciosíssima, utilíssima — o elo que hoje temos em mãos não existiria sem os anteriores — mas talvez esteja incompleta. Não se poderia tentar oferecer uma parcela ao edifício do presente?

Foi o que fizeram as aulas de Prado Coelho. Que disse ele?

Mostrou a força de «categorias subjacentes a categorias gramaticais, ou formais», numa série de exemplos avulsos, como:

— Terá os *seus* três metros.

«seus» quanto à forma: masculino, plural, pronome possessivo;

quanto ao fundo: significa «aproximadamente», logo é advérbio, palavra invariável.

— Há *tanta* laranja!

«tanta» quanto à forma: palavra no singular;

quanto ao fundo: palavra no plural.

Idem «laranja».

— O pai *fica*. (Sendo o pai que fala ao filho).

«fica» quanto à forma: verbo na 3ª pessoa;

quanto ao fundo: verbo na 1ª pessoa, equivalente a «Eu fico».

Para mim foi uma luz. Formulei a pergunta: — *Se, em exemplos avulsos, facilmente podia observar-se a força viva de valores internos, subjacentes, não estaria aí uma constante na linguagem?* Não viriam dela os contínuos anseios de «libertação» a que aspiram os descontentes com arbitrariedades perceptivas?

Resolvi explorar o assunto.

2.2. Afirmações que serviram de estímulo

«... la langue ne peut être qu'un système de valeurs pures...»

(Saussure: *Cours de Linguistique Générale*, 5ème ed., Paris, Payot, p. 155).

«... l'élaboration d'un nouveau procédé importe plus que le calcul le plus difficile effectué à l'aide d'anciennes opérations...»

(Hugo Schuchardt: *Brevier*, Halle, 1928, p. 409, apud Henri Frei: *Le livre de deux mille phrases*, Genève, Droz, 1953, p. 11).

«C'est en regardant fonctionner la langue qu'on lui arracherait ses secrets. Malheureusement les linguistes s'occupent fort peu du mécanisme de la parole...»

(Charles Bally: *Le langage et la vie*, 3ª ed., Genève 1952, p. 101).

«... os problemas são o que são. Se não podemos chegar a resultados seguros, apresentemos o provável, que também tem o seu valor».

(Michele Barbi: *La Nuova Filologia...*, Firenze, 1938, Introdução).

2.3. Como perceber os valores subjacentes?

Não teria sido possível *sem um grande esforço* pela libertação da mentalidade gramatical adquirida. Não foi fácil e não é fácil.

Depois das primeiras tentativas, viu-se a exigência de três posições iniciais:

- 1ª) Dar importância àquilo que o OUVINTE apreende.
- 2ª) Respeitar o CONTEXTO.
- 3ª) Considerar como «unidade», não a palavra, nem a frase, nem outro elemento, e sim, a RELAÇÃO dos valores.

2.3.1. O ouvinte

Sem a pessoa que ouve, não haveria homens que falam. Noção quase truística, muitas vezes apontada, mas que não tem entrada suficientemente em pesquisas a respeito da linguagem.

No ouvinte fixaremos, de certo modo, o posto de observação, havendo para isso motivos peremptórios: a fala funciona sempre e somente entre (pelo menos) dois sujeitos: aquele que diz alguma coisa e aquele que ouve; o ouvinte é o índice da eficiência da comunicação.

2.3.2. O contexto

A dependência do contexto é real e, às vezes, vai muito longe.

Quando Meillet estudou a natureza da palavra, entre outras observações, disse: «... Ce qui fait l'originalité et la force du langage humain, c'est que le mot est susceptible de figurer dans des contextes aussi différents qu'on le veut...»³⁶

O significado depende do contexto e, na vivência cotidiana, a ele nos apegamos para entender os homens que nos falam. (Seremos mais inteligentes na vida prática que nas especulações do estudo? Ainda bem!).

Importante o contexto. Mas a escola levou-nos à análise, e por esta, à decomposição, à separação dos elementos, a cuidar deles isoladamente; tão isoladamente que, se já não esquecendo o conjunto, a ele, contudo, às vezes recorrendo bem pouco.

Ora, o homem não fala por sinais avulsos, soltos, separados.

2.3.3. A relação como unidade

O que faz o contexto são as relações entre os valores lingüísticos.

Quem diz «relações» diz «entrelaçamento». Com efeito, a língua é «trama», «tecido».

E tecido agilíssimo, de grande riqueza — cada geração deixou sua parcela, interação de múltiplas combinações, de incessantes variedades.

«A expressão das relações domina a linguagem.»³⁷

Vemos o mundo exterior e algo do interior. A «visão» se fixa no pensamento e se exprime na fala. Que vemos? Não existe um elemento sequer isolado na natureza. Ninguém enxergará apenas uma andorinha ou só o azul do céu. Tudo são combinações. E o homem que vê relações, há de exprimir «relações». Vê valores relacionados, exprime valores relacionados, e o faz, relacionando os conceitos.

Que unidade funciona no jogo da fala? A palavra? A sílaba? O som vocal? As opiniões divergem. Depois de muito ler e pensar, um dia perguntei: *Por que não tomar a «relação» como «unidade dinâmica» do funcionamento?*

A «Pesquisa» tentou fazê-lo³⁸ e leva-nos a formular a hipótese de que talvez venha a ser constituído um campo de estudos, especificamente voltado ao mecanismo das relações e que poderia chamar-se LINGÜÍSTICA RELACIONAL.

2.4. Saussure aproximou-se

Passagens do *Cours de Linguistique Générale* mostram como o professor suíço aproximou-se desta atitude, ao procurar as entidades da língua. Estabeleceu marcos de relevo que muitos ajudaram:

- para perceber a separação dos vocábulos de uma cadeia fônica, diz ele que precisamos recorrer à significação.³⁹
- Só então é possível analisar. E essa análise nada tem de material (p. 145).

Já situa o problema além da «forma exterior».

- «Temos de procurar a unidade concreta além da palavra» (p. 148).

- Diz que é extremamente difícil fazer um estudo pormenorizado do jogo das unidades... de maneira a se apontar os elementos concretos com que uma língua opera (p. 148).
- Acrescenta que os homens, na vida prática, não conhecem essa dificuldade. Aprendem espontaneamente o jogo rápido e delicado das unidades (p. 143). Mas fazer dele uma análise metódica, é outra coisa... (p. 148).
- Utiliza a comparação da língua como o xadrez (p. 125, 126, 149, 153).

Não estava Saussure muito perto da idéia de que a unidade é a relação? Já podia concluir... quando a luz pareceu-lhe escapar, e diz: «A língua apresenta esse estranho traço de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que no entanto possamos duvidar de sua existência...» (p. 149).

Estava convencido da importância primacial das unidades: «Não podemos nos dispensar de conhecê-las, nem dar um passo sem recorrer a elas» (p. 149).

Mas prossegue melancolicamente: «... sua delimitação é problema tão delicado que a gente se pergunta se realmente existem» (p. 149).

Difícil definir a unidade que seria o eixo mesmo da língua? Curioso: é-nos facilímo falar! Até os incultos, e mesmo as crianças, manejam com destreza as pecinhas do jogo. Todavia, na hora de definir, quanta opinião diferente, quanta sondagem, quanta hesitação!

Com as análises da «Pesquisa» tentamos apontar algumas das múltiplas relações que constituem o jogo da língua humana.

2.5. Há «incoerências» entre forma e fundo?

Estudos sistemáticos do assunto, em linha vertical, se foram feitos algures, ainda não são suficientemente conhecidos.

Muitas vezes parece haver «incoerências» e o fato já tem sido notado. Não poderia deixar de ser notado.

Eis alguns exemplos:

- 2.5.1. *Diminutivo com valor superlativo*: Copo cheinho d'água, livro novinho em folha, sorvete geladinho, foi direitinho para casa, que calorzinho, é longinho... etc.

2.5.2. Conjunção alternativa nem sempre exprime alternância, mas tem outros valores:

- 1º) *valor de inclusão de dois termos*: «Não deu lugar a nenhum outro sentimento de justiça ou de humanidade» (Machado de Assis — An. 2 - 21).²⁰
- 2º) *inclusão de uma hipótese e exclusão de outra*: Ou tudo, ou nada.
- 3º) *valor de equivalência*: Faz muito calor ou está muito quente, digam como quiserem.
- 4º) *valor de realce de hipótese única*: Ou tudo, ou tudo.
- 5º) *valor de realce da afirmação, com exclusão da possibilidade de outros obstáculos*: Ex.: Irá, quer queira, quer não.

Obs.: A verdadeira alternativa supõe inclusão de dois dados, mas não no mesmo momento: ora um, ora outro. Ex.: Ou trabalha, ou estuda.

2.5.3. A forma do tempo presente pode expressar outros tempos:

- Amanhã *faço* o que prometi. (valor de futuro)
- Pio XII *abençoa* a multidão. (tempo passado)
- Uma tarde *partem* os dois. (época indeterminada)
- O oceano *banha* o continente. (presente, passado e futuro)
- *Há* bom-humor quando *há* saúde. .. (condicional: se houver saúde, haverá bom-humor)
- Você não canta? — *Canto*. (não exprime «tempo» e sim «poder», capacidade de).

Etc.

2.5.4. A idéia de «presente» sem tempo presente:

- Eu vinha pedir-lhe o favor .. (E está pedindo o favor...).
- A menina estará doente? (Isto é, está doente).
- E se eu dissesse «não»? (Com isso o «não» está dito).

2.5.5. Condicionalidade sem tempo característico de condicional:

- Era ele querer, comovia os ouvintes.
Condição: ele querer
Condicionado: a comoção dos ouvintes
- Tenha cuidado e nada acontecerá.
Condição: ter cuidado
Condicionado: que nada aconteça
- Queres aprender espanhol? Vai a Viña del Mar.
Condição: Ir a Viña del Mar
Condicionado: O aprendizado de espanhol
- Maria chegando, tu poderás descansar.
Condição: a chegada de Maria
Condicionado: o teu descanso
- Muito solicitada, acabava declamando.
Condição: ser muito solicitada
Condicionado: a declamação dela
- Há vinho? Vamos a ele.
Condição: haver vinho
Condicionado: a bebida

2.5.6. Um trecho da «Pesquisa»

Alguns casos rápidos, extraídos da Análise n. 15 — O PAI-NOSSO — serão talvez suficientes para dar uma idéia das 170 linhas em que foram registradas mais de 400 «discordâncias» (Nota A).²¹

Texto: ... o pão nosso de cada dia... Assim como nós perdoamos aos *nossos* devedores; ... e não *nos* deixeis cair em tentação, *mas* livrai-nos do mal. *Amém.*

(de) cada (dia)	Análise do funcionamento	Análise gramatical
	Valor de totalidade mediante a discriminação em todas as parcelas singulares.	Pronome ou adjetivo indefinido.

(aos) *nossos*
(devedores)

(não) *nos*
(deixeis)

e não *nos*
deixeis cair em
tentação

Não tem valor de prónimo, nem de adjetivo, nem de indefinido.

«Nossos» aqui não indica «posse», e sim as pessoas com quem os devedores contraíram dívidas.

Equivale a «a nós», isto é, aos que devem «a nós». Assim compreendido pelo ouvinte, «nossos» está pelo nome dos credores.

Como estes são pessoas, aí funciona um *pró-nome pessoal*.

Para aceitar isto, precisa-se desligar o espírito dos conceitos tradicionais.

Para o ouvinte «nos» indica o *sujeito* do verbo «cair».

Entende-se que a prece suplica que Deus não deixe «nós cairmos»: «nós», referência aos sujeitos a serem poupados da queda.

Uma só unidade.

A «integrante», justamente por ser «integrante», não se pode separar, visto que ela «integra».

A separação prejudicaria esse seu papel.

A gramática reconhece que ela exerce a função

Pronome
possessivo

Segundo muitos gramáticos, «nos» é *objeto indireto* de «deixeis»; segundo alguns, *objeto direto*

Duas orações:
1) e não nos deixeis
2) cair em tentação
(integrante objetiva)

mas livrai-nos
do mal

de objeto direto. Ora, este não se separa de seu respectivo predicado.

Esta súplica parece não levantar nenhum aspecto, propriamente dito, *adverso* ao que foi pedido antes.

Implorar que Deus nos livre do mal (ou do maligno tentador) não é pedir algo adverso a «não nos deixeis cair em tentação».

É acrescentar uma outra súplica que traz uma vantagem:

— se ela for conseguida, já incluirá a graça anterior, a poupança da queda no pecado.

Assim teríamos, não um valor adversativo, mas:

- a) ou um *aditivo*: «e livrai-nos do mal»;
- b) ou valor de uma oração *preferencial*, visto que o ouvinte pode captar: «*preferivelmente*» livrai-nos do mal.

Amém

Uma oração incluindo os valores de *súplica* e de *modo*.

Equivale a: Assim seja.

Oração adversativa

Palavra simples.

Diante dos casos que chamaram a atenção, foi possível redigir a 3ª Parte da «Pesquisa». Consistiu ela em considerações mais pormenorizadas a respeito de alguns valores em particular, como o da caracterização, o causal, o consecutivo, o

concessivo, o adversativo, o final, o condicional, os pronomes à luz do funcionamento, a expressão de Voz, Aspecto Verbal etc.

O campo é rico. A mesma forma pode revestir diversos valores. O cap. 17, de que seguem uns dados, nos fará ver como a pequenina conjunção «e», por exemplo, é elemento precioso em português.

Sim, parece haver «discordância», às vezes, entre forma e fundo.

2.5.7. A conjunção «e»

Costumam as gramáticas dizer (Nota B)²² que as conjunções aditivas têm a função de «aproximar pensamentos».

Da pequenina partícula «e», as análises revelam também vários outros valores. Aliás, a definição gramatical é muito vaga. Não caberá a qualquer conectivo esse mesmo papel de «aproximar»?

Exemplifiquemos:

1º) *Valor de acréscimo simples, isto é, aditivo:*

— «... esta palavra má e desdenhosa...» (An. 2-23).

— «... uma felicidade inocente e boa...» (An. 4-18).

2º) *Valor de prosseqüência narrativa, ou introdução de uma seqüência:*

Dá-se quando há acréscimo de momentos sucessivos.

— «... entrava numa loja e estendia a mão...» (An. 7-6).

— «... abriu os olhos e sorriu-se...» (An. 10-5).

3º) *Valor de prosseqüência com matiz adversativo:*

— «... daquela feita não vinha do Brasil, e sim do Oriente...» (An. 5-11).

— «... este era o filho abençoado que o acaso lhe depara, disse um dia o marido; e a mulher, católica também na linguagem, emendou que a Providência...» (An. 1-14).

4º) *Valor de prosseqüência com leve matiz temporal-situacional:*

— «... esperou que chegassem, contou-lhes o que se passara e acrescentou...» (No contexto, percebe-se claramente que «e» equivale a: «então», ai, o arcebispo acrescentou... etc.» (An. 9-33).

5º) *Valor de conseqüência:*

- «Ah! vem da Palestina...» (disse Pio II).
E o seu português variou...» (An. 5-21).
- (D. Carmo atribuiu o filho à Providência) «e toda se entregou a ele...» (An. 1-16).

6º) *Valor consecutivo-temporal:*

- «Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene, você não precisa pedir licença» (An. 13-5).

Obs.: «E São Pedro...» equivale a: «em conseqüência, então, nesse momento, São Pedro disse» etc.

7º) *Valor causa-consecutivo:*

- «... (Tendo notado a robustez e a fartura das oliveiras:)
E breve os nossos males esqueceram ante a incomparável beleza daquela serra bendita» (An. 6-9).

Obs.: O ouvinte percebe que «tenho notado...» exerce valor de causa; o esquecimento dos males foi a conseqüência.

8º) *Valor final-consecutivo:*

- «... disse-lhe que se descesse abaixo para a lapa e fugisse da chuva» (An. 9-11).

Obs.: «para assim fugir da chuva» — valor final
«e assim fugisse da chuva» — valor de conseqüência.

9º) *Valor conclusivo:*

- Como conclusão do episódio entre o arcebispo e o pastorzinho:
— «E este esfarrapadinho inocente ensina a frei Bartolomeu...» (An. 9-34).

Um estudo sério das «relações» poderia compreender essas «ambigüidades».

2.6. Mas o que se relaciona em linguagem?

Relacionam-se *valores*. A coisa do mundo que o homem diz ao falar encontra-se na linguagem à maneira de «valor» e não com tamanho, peso e medida. Não exprimimos o «objeto em si», mas a idéia que temos dele, e que «vale» por ele. É «valor».

Para a expressão, servimo-nos de elementos sensíveis: sons, letras, vocábulos etc. Mas o «valor lingüístico» é elemento intelectual.

Saussure tinha razão: «La langue ne peut être qu'un système de valeurs pures...»²⁴

Há valores mais simples:

- | | |
|---------------------------|-------------------|
| — de nome (substantivo) | — valor partitivo |
| caracterização (adjetivo) | quantitativo |
| atualizador (verbo) | distributivo |
| conectivo | indicativo |
| | (demonstrativo) |
| pluralidade | diminutivo |
| singularidade | intensivo |
| totalidade | etc. |

Há valores mais complexos: Exemplos

- Disjuntivo de exclusão O pai, ou o filho, será eleito chefe.
- Comparativo de semelhança «Uma felicidade boa embriagava as criaturas *como um vinho bebido em sonho*» (Humberto de Campos).
- Comparativo de diferença .. Esta flor é branca, aquela é vermelha.
- Valor de condição e de elemento condicionado A festa bem planejada (condição) terá sucesso (condicionado).
- Adversativo compensador .. D. Isabel perdeu o trono, mas ganhou a abolição.
- Adversativo objetativo As rosas é que são belas, Os espinhos é que picam; *Mas são as rosas que caem, São os espinhos que ficam.*
- Adversativo de exclusão .. Cuidarei hoje de outros trabalhos, *mas não destes.*

- Adversativo incluídor Não só de pão vive o homem, *mas de toda palavra saída do coração de Deus.*
- Recusativo ou obstrutivo . . . Apesar de achar as flores bonitas, *Maria não as comprou.*
- «Concessivo»? (ou superativo?) Apesar de não achar as flores bonitas, *Paulo as comprou.*
- Valor de simultaneidade . . . Um sorriso cordial acompanhava as palavras, *ao falar do Brasil e do Chile...*
- Valor de sucessividade Parou, chamou e disse...
- Valor de oposição «Temos guerra *com a Espanha, Senhor.* (=contra a Espanha) (Rebello da Silva)
- Valor de confirmação A opinião que Jorge achou em algumas pessoas, *e creio justa, é que ela parecia boa mãe.*

Etc., etc.

A «língua» sendo um sistema de valores, diremos que a «fala» parece consistir no «jogo do relacionamento entre valores», manifestado através da palavra. A fala está virtualmente no sistema.

2.7. Tal «jogo» merece mais cuidado

Não deveria uma «LINGÜÍSTICA DAS RELAÇÕES» tomar impulso?

Trata-se de observar com objetividade, isto é, usando de espírito científico, os dois aspectos: forma e fundo, ou melhor, os elementos lingüísticos estáticos, e o jogo dinâmico de seu funcionamento.

2.8. Já não faz isso a sintaxe?

Por que terão surgido tantas «discordâncias» entre a análise funcional e a sintática?

Segundo Mário Pereira de Souza Lima, a Sintaxe «considera o emprego e a construção das palavras como termos

da oração, as várias espécies de oração, e a ligação destas umas com as outras». ²⁶

Antenor Nascentes lembra que Leo Spitzer já teria proposto que se substituísse o nome de sintaxe pelo de «estudo das relações». ²⁶

Mas os estudos sintáticos parecem ter procedido até hoje, mais ou menos presos a ensinamentos tradicionais, e a limites que talvez resultem da cristalização de certas posições, tomadas no início com fundamento.

Ainda não existe sintaxe da língua portuguesa, em base científica. Luís Filipe Lindley Cintra afirmou, em aula, na Universidade de Lisboa, que «o trabalho realizado, do século XIX para cá, no domínio da Filologia Românica, permitiu a constituição da Fonética e da Morfologia descritiva, mas deixou em quase completo esquecimento a Sintaxe...»

Há princípios de Sintaxe que não se justificam do ponto de vista do funcionamento. Ex.: «Equivalência de sentido não quer dizer equivalência de função» desde que a forma seja diferente. Ora, a «forma» pode ser diversa sem, com isso, alterar os valores em jogo.

Assim, nas frases «HÁ ROSAS NO JARDIM» e «EXISTEM ROSAS NO JARDIM», o termo «rosas» que papel desempenha?

Do ponto de vista da sintaxe

(Há) *rosas* (no jardim) — objeto direto.

(Existem) *rosas* — sujeito.

Do ponto de vista do funcionamento

Em ambas, «rosas» é o ser do qual se declara a existência no jardim. Logo, é «sujeito», segundo a noção tradicional.

Para o ouvinte, a forma diferente das duas afirmações não modifica os valores.

2.8.1. Mas uma sintaxe, rigorosamente científica, deverá coincidir com a lingüística relacional, ainda que esta venha a ter um campo mais vasto.

Em síntese, de que se trata?

Trata-se de observar uma nova unidade no estudo da língua: a unidade dinâmica que vem a ser a *RELAÇÃO*. E de fazê-lo com espírito científico.

2.8.2. Alcance:

- poderá contribuir para firmar as bases científicas da sintaxe;
- quando as possibilidades do «jogo lingüístico» forem mais conhecidas, o «jogo» será mais viável, mais fácil e mais rico;
- o aprendizado da língua também lucrará muito.

Consequência mais imediata, já previsível:

- A análise lógica ou sintática poderia ser substituída pela *análise relacional* que não usará de fórmulas fixas nem de nomenclatura rígida, mas de explicações, com palavras pessoais a respeito do entrelaçado apreendido.
- para a análise relacional importa um vocabulário adequado, que não exige uniformidade.
- Essa «libertação» impedirá a cristalização de formas ou de convenções.
- A análise relacional não seguirá padrões estereotipados. É explicação atual e livre, e deverá ser atual e livre.
- Usará da tradição sempre que esta tiver fundamento.

Vantagem educativa da «análise relacional»

É muitíssimo grande. O *relacionamento* entre os conceitos, sendo ato de inteligência, analisá-los é igualmente ato de inteligência.

Contribuirá poderosamente para exercitar essa capacidade humana.

Encerrando:

— comecei por um ponto de interrogação: «CHEGAREMOS AO CAPÍTULO: LINGÜÍSTICA DAS RELAÇÕES?» Terminei dizendo que, como trago problemas abertos, só poderei encerrar com outra pergunta, uma pergunta-convite desta vez: ONDE ESTÃO OS ESTUDIOSOS QUE ACEITARIAM FORMAR EQUIPE?

NOTA A (referente à p. 38)

Das 15 análises feitas, resultou um conjunto de aparentes divergências entre o ponto de vista do funcionamento e o gramatical.

Análise	Total de discordâncias apontadas	Número de linhas	Autor e título
1*	23	9	Machado de Assis: <i>Memorial de Aires</i>
2*	38	14	Machado de Assis: <i>Iaiá Garcia</i>
3*	45	22	<i>Testamento de Pio XII</i>
4*	20	9	Humberto de Campos: <i>As Violetas de Nossa Senhora</i>
5*	37	14	<i>Um trecho de jornal</i>
6*	29	10	Eça de Queiroz: <i>Subida para a Serra de Tormes</i>
7*	20	8	Júlio Diniz: <i>O Espólio do Sr. Cipriano</i>
8*	33	13	Rebêlo da Silva: <i>Última Corrida de Touros em Salvaterra</i>
9*	59	16	Frei Luís de Sousa: <i>O Arcebispo e o Pastorinho</i>
10*	32	11	Bernardes: <i>Os Três Risos</i>
11*	29	7	Heitor Pinto: <i>Prática com o Ermitão</i>
12*	31	8	Bernardim Ribeiro: <i>Um trecho de «Menina e Moça»</i>
13*	15	7	Manuel Bandeira: <i>Irene no Céu</i>
14*	24	6	Francisco Otaviano de Almeida Rosa: <i>Ilusões da Vida</i>
15*	23	8	<i>Pai-Nosso</i>
	456	172	

Em 172 linhas foram registradas 456 discordâncias, e temos a impressão de que, quando o método for mais aperfeiçoado, tal número poderá aumentar.

NOTA B (referente à p. 41)

Gramáticos falam da conectiva «e»:

- «E' é simplesmente *aproximativa*» (grifo do autor).
Eduardo Carlos Pereira: *Gramática Expositiva*. Curso superior. 54ª ed., São Paulo, Editora Nacional, 1940, p. 368.

- «Conjunções copulativas exprimem simples aproximação de termos ou de preposições».
Mário Pereira de Souza Lima: *Gramática Portuguesa*. 2ª ed., São Paulo, Livraria José Olympio, 1945, p. 42.
- «Conjunções aditivas relacionam pensamentos similares».
Rocha Lima: *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 3ª ed., Rio, Briguiet, 1959, p. 170.
- «Conjunções aditivas aproximam simplesmente dois pensamentos».
Artur de Almeida Torres: *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*. 6ª ed., Rio, Ed. Fundo de Cultura, 1959, p. 141.
- «Conjunções aditivas estabelecem a ligação de palavras ou orações sem outra idéia subsidiária».
Evanildo Bechara: *Moderna Gramática Portuguesa*. 3ª ed., São Paulo, Editora Nacional, s.d., p. 195.

Capítulo III

VALOR SEMÂNTICO DE ESTRUTURAS ADVERSATIVAS

O ADVERSATIVO

Pesquisa coordenada por MADRE OLIVIA
(Dra. Cília Coelho Pereira Leite)

Equipe: — Ana Catarina Fabrício Mendes
— Maria Elizabeth Zanetti Baptista
— Gilberto Francesconi
— Ingedore G. Villaça Koch
— Mário Pérez Rodríguez
— Maria Margarida P. Rodrigues
— Neusa Maria Oliveira B. Bastos
— Olinda Maria M. Rocha

Para dar uma pequena amostra do que traria o estudo de valores lingüísticos ao nível semântico, reflatamos um momento sobre o «adversativo» em português.

Segundo os gramáticos, a conjunção MAS introduz orações ditas «adversativas» que não conduzem a nenhuma subdivisão.

Analisando objetivamente, sem nos prender aos quadros da gramática tradicional, vemos que para os homens, na vida, há mediante essa conjunção muitas estruturas semânticas, em que se encontram vários valores adversativos.

3.1. Valor adversativo de inclusão

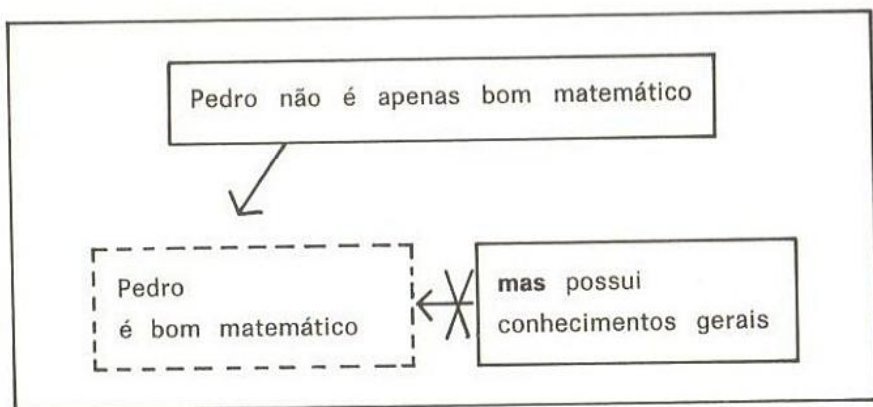
Consiste em:

- a) três conjuntos de significados;
- b) dos quais dois explícitos e um implícito, todos incluídos no enunciado;

- c) o jogo adversativo está entre um dos elementos explícitos contra o implícito, rejeitando a possibilidade deste ser aceito.

Exemplos:

1. «Pedro não é apenas bom matemático, mas possui conhecimentos gerais».
2. «Não vivemos exclusivamente de pão, mas ainda de manteiga, chocolate etc.»
3. «Não basta ler o Evangelho, mas deve-se passá-lo à vida».
4. «Quero não só viver, mas viver sempre feliz».



3.2. Valor adversativo de exclusão

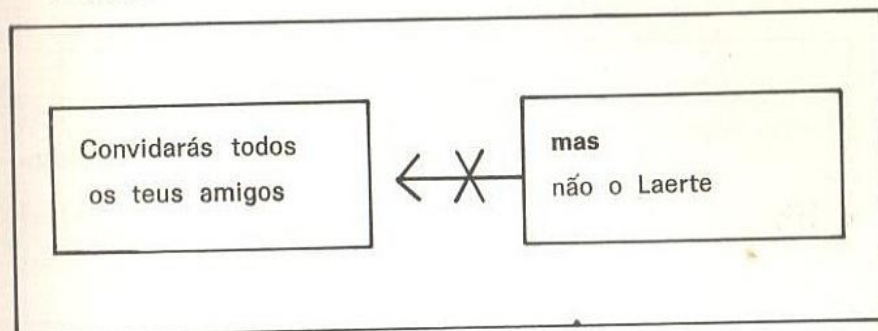
Consiste em:

- a) dois conjuntos de significados explícitos;
- b) o jogo adversativo está entre a exclusão de um elemento contrariamente à afirmação do primeiro conjunto que não excluía nada.

Exemplos:

1. «Convidarás todos os teus amigos, mas não o Laerte».
2. «Todas as frutas se conservaram, mas o abacate apodreceu».
3. «Irei ao cinema com qualquer pessoa, mas não com você».

4. «Visitei todos os jardins, mas não o da Água Branca».
5. «Ele gosta de todas as matérias que estuda, mas não de Física».



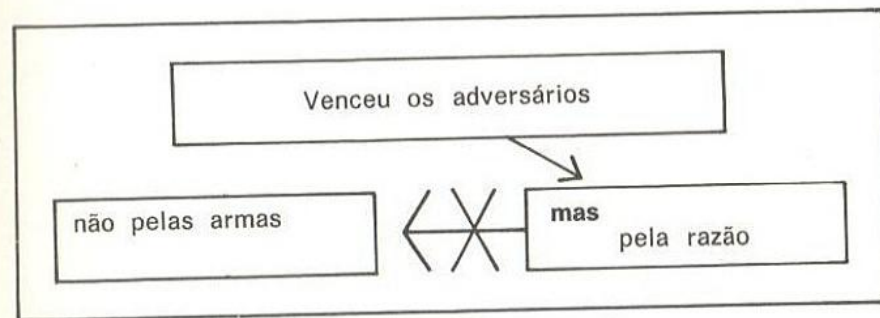
3.3. Valor adversativo excluidor de um elemento implícito

Consiste em:

- a) três conjuntos de significados;
- b) dos quais dois explícitos e um implícito;
- c) o jogo adversativo ocorre enquanto exclui o implícito, que em muitas outras situações não seria excluído.

Exemplos:

1. «Venceu os adversários, mas pela razão».
2. «Você romperá o namoro, mas por decisão pessoal».
3. «Correrás o risco, mas por teus filhos».



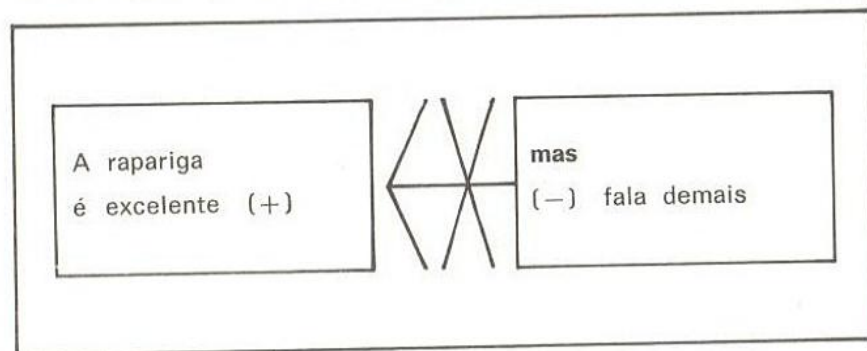
3.4. Valor adversativo objetivo

Consiste em:

- dois conjuntos de significados explícitos;
- o primeiro apresenta algo positivo;
- o segundo levanta uma objeção;
- o jogo adversativo está na objeção feita contra a primeira afirmativa.

Exemplos:

- «A rapariga é excelente, mas fala demais».
- «O vestido é bom, mas é curto».
- «O professor é competente, mas parece tímido».
- «A festa foi sucesso, mas vi no salão uma barata».
- «As rosas são lindas, mas desfolham depressa».



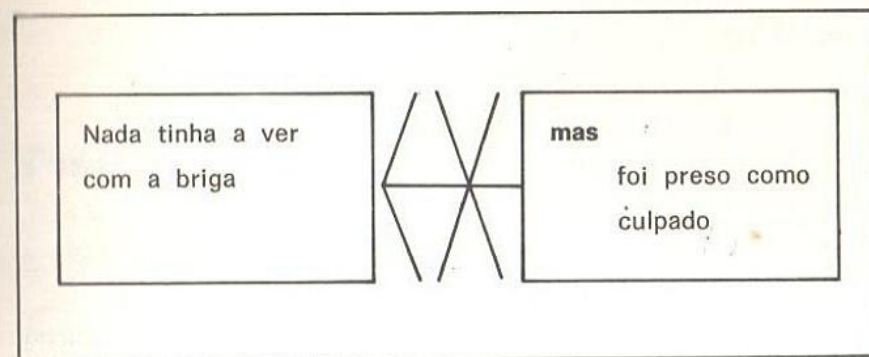
3.5. Valor adversativo contrastante

Consiste em:

- dois conjuntos de significados explícitos;
- o grau de oposição entre os dois conjuntos é de contraste; difere de simples objeção.

Exemplos:

- «Nada tinha a ver com a briga, mas foi preso como culpado».
- «É multimilionário, mas vive de esmolas».
- «Ele não merecia nada, mas recebeu todos os prêmios».



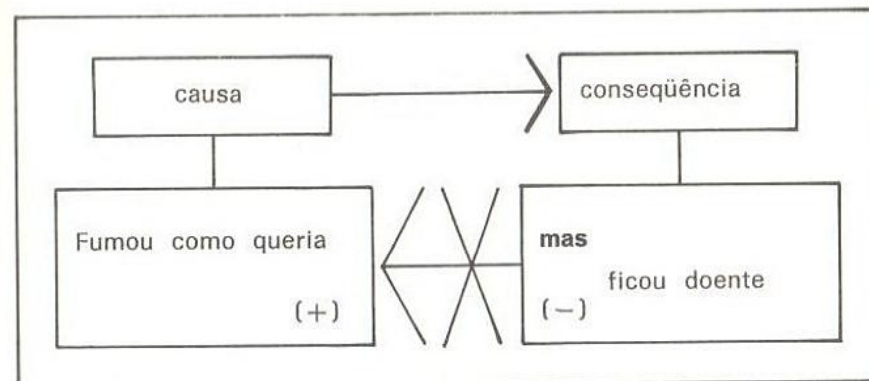
3.6. Valor adversativo descompensador pela consequência

Consiste em:

- dois conjuntos de significados explícitos;
- ocorre intersecção com o binômio de causa e consequência;
- o jogo adversativo está entre a causa que é positiva contra a consequência negativa.

Exemplos:

- «Fumou como queria, mas ficou doente».
- «Venceu o campeonato, mas teve de amputar a perna».
- «O pai fez todas as vontades do filho, mas este foi para a cadeia».
- «Pintou o sete, mas levou na cabeça».



3.7. Valor adversativo compensador

Consiste em:

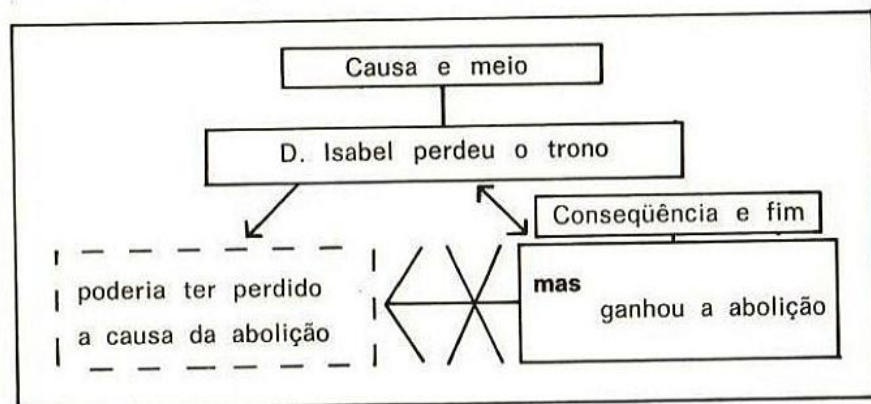
- três conjuntos de significados;
- dos quais, dois explícitos e um implícito;
- há intersecção com dois binômios: de causa e consequência e de meio e fim.

(Nota: para esclarecer com maior precisão as intersecções, a pesquisa precisa continuar).

- o jogo adversativo está entre o conjunto implícito e o segundo explícito.

Exemplos:

- «D. Isabel perdeu o trono, mas ganhou a abolição».
- «Gastou dinheiro, mas venceu a causa».
- «Teve de esperar cinco anos, mas casou-se com ela».
- «Jesus morreu na cruz, mas te salvou, a ti».
- «Sacrificou-se pelos filhos, mas colheu ótimos frutos».



3.8. Valor adversativo atenuante

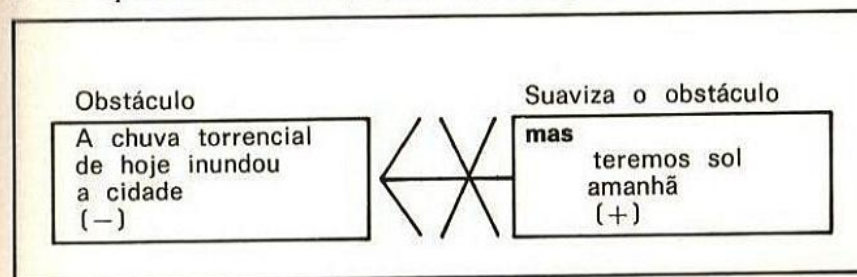
Consiste em:

- dois conjuntos explícitos;
- o primeiro significa um obstáculo e o segundo o atenua... não apresenta a possibilidade de vencê-lo, apenas o suaviza;

- o jogo adversativo está entre o positivo do segundo conjunto contra o negativo do primeiro.

Exemplos:

- «A chuva torrencial de hoje inundou a cidade, mas teremos sol amanhã».
- «O apartamento é frio, mas é um abrigo».



3.9. Valor adversativo atenuante pela possibilidade de vencer o obstáculo

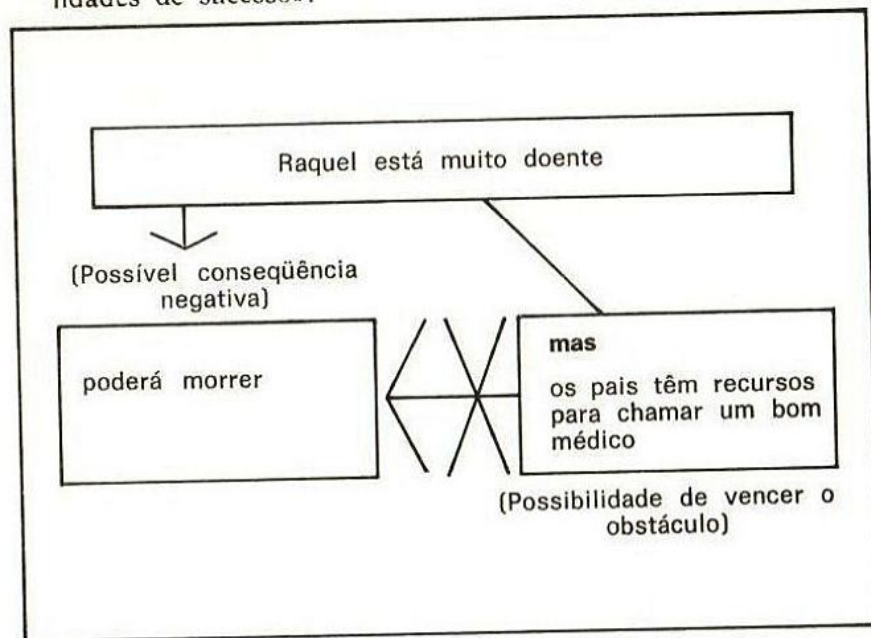
Consiste em:

- três conjuntos de significados;
- dos quais dois explícitos e um implícito;
- o jogo adversativo está entre o implícito que apresenta a possibilidade de uma consequência negativa, contra o segundo conjunto explícito, que atenua o obstáculo pela possibilidade de vencê-lo.

Exemplos:

- «Raquel está muito doente, mas os pais têm recursos para chamar um bom médico».
- «As dificuldades são grandes, mas Diná está preparada».
- «Nunca uma competição foi tão dura, mas os candidatos têm tarimba».

4. «A vida, filha, vai exigir muito, mas arranjei para ti um bom emprego».
5. «A viagem será longa, mas temos provisões suficientes».
6. «Não somos santos, mas sabemos onde encontrar o perdão».
7. «Os estudantes acham-se cansados, mas as férias começam amanhã».
8. «Todos desesperaram da cura, mas o senhor da vida é onipotente».
9. «O negócio ainda não rende, mas temos dez outras possibilidades de sucesso».



3.10. Valor adversativo superativo

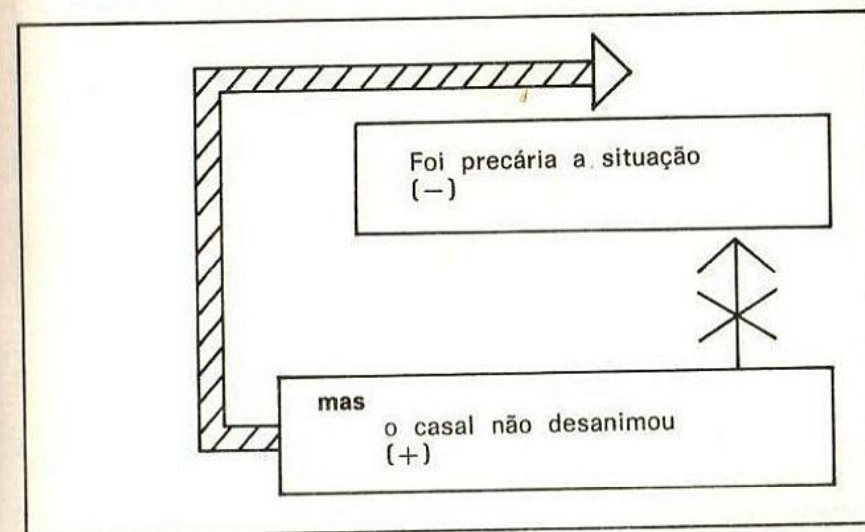
Consiste em:

- a) dois conjuntos de significados;
- b) ambos explícitos;
- c) a estrutura adversativa abrange subtipos:

C.1. O primeiro conjunto apresenta algo negativo, um obstáculo. O segundo refere-se à sua superação, que é um dado positivo.

Exemplo:

Foi precária a situação, mas o casal não desanimou.



C.2. O primeiro conjunto apresenta um obstáculo, amplo e negativo. O segundo refere-se a alguém que supera o obstáculo e dele se exclui.

Exemplo:

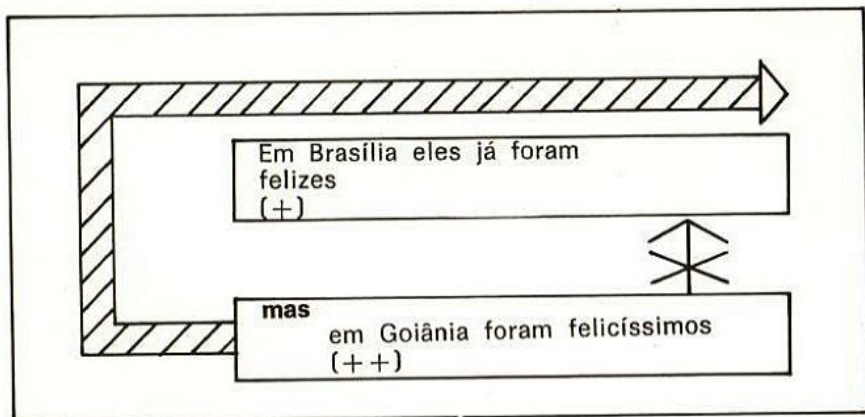
O terremoto deixou o povo em pânico, mas Carlos permaneceu controlado.

(como no caso anterior C.1.)

C.3. O primeiro conjunto apresenta algo de positivo em grau x. O segundo, também algo de positivo, supera pelo grau que é maior.

Exemplo:

Em Brasília eles já foram felizes, mas em Goiânia foram felicíssimos.



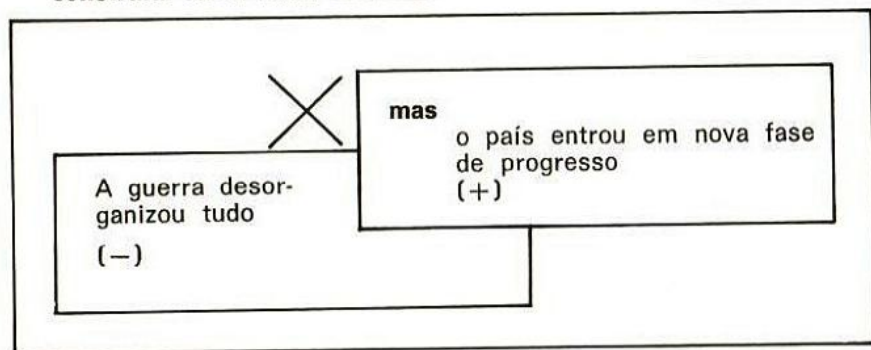
C.4. Valor adversativo superativo pela recuperação

Consiste em:

- dois conjuntos explícitos;
- o primeiro apresenta uma situação negativa; o segundo, sua recuperação, que é positiva, ocorrendo aí o jogo adversativo.

Exemplos:

- «A guerra desorganizou tudo, mas depois o país entrou em nova fase de progresso».
- «O incêndio destruiu a fábrica, mas a coragem dos brasileiros construiu outra mais bonita».



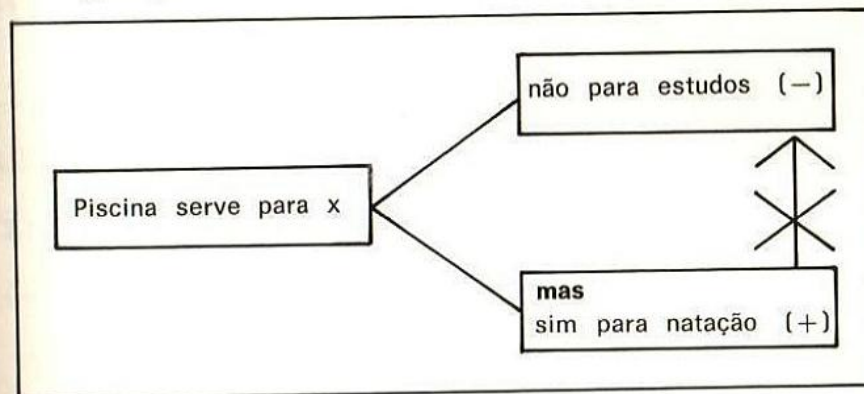
3.11. Valor adversativo pela apresentação de outro enfoque

Consiste em:

- dois conjuntos de significados em torno de um termo comum aos dois;
- ambos explícitos;
- o jogo adversativo está em que um enfoque é rejeitado e o outro é aceito.

Exemplos:

- «Piscina não serve para estudos, mas para nataçã».
- «A escola não é lugar de desordem, mas de respeito».
- «Amar não é olhar um para o outro, mas os dois na mesma direção».
- «Aviões não são salas de espera, mas rápidos meios de transporte».
- «O homem na terra não está em cidade permanente, mas em viagem para Deus».



3.12. Valor adversativo justificativo

Consiste em:

- três conjuntos de significados;
- dos quais dois explícitos e um implícito;
- a estrutura adversativa abrange subtípos:

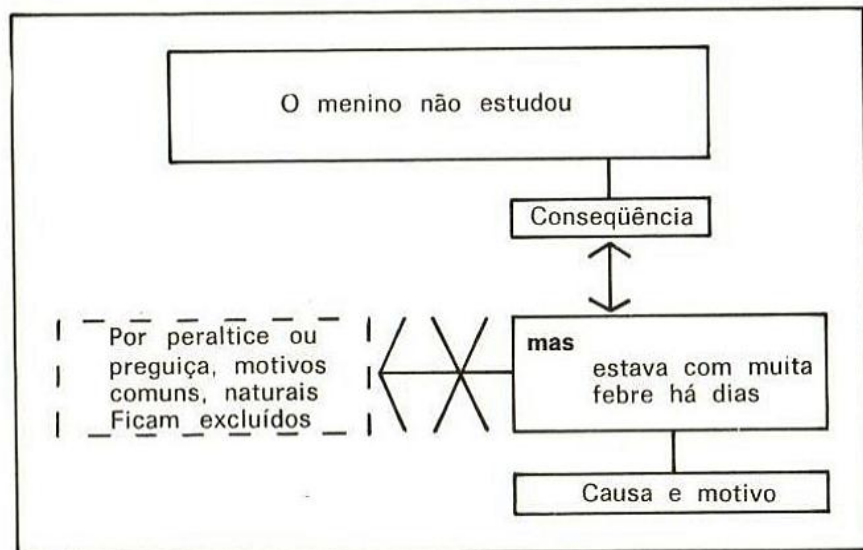
- O primeiro explícito apresenta um fato negativo. O segundo, o motivo que o justifica.

É de notar que ocorre intersecção com o binômio de causa e consequência.

O jogo adversativo está entre o segundo explícito e o implícito, o qual se refere a uma causa negativa ainda que natural, e que fica excluída.

Exemplos:

1. «O menino não estudou, mas estava com muita febre».
2. «O carpinteiro trabalhou mal, mas não dispunha de ferramentas adequadas».
3. «Ele jogou pessimamente, mas tinha um calo inflamado».
4. «O artista... que fracasso... mas a filhinha dele morrera havia 20 horas».
5. «Todos ficaram com medo, mas o perigo era real».



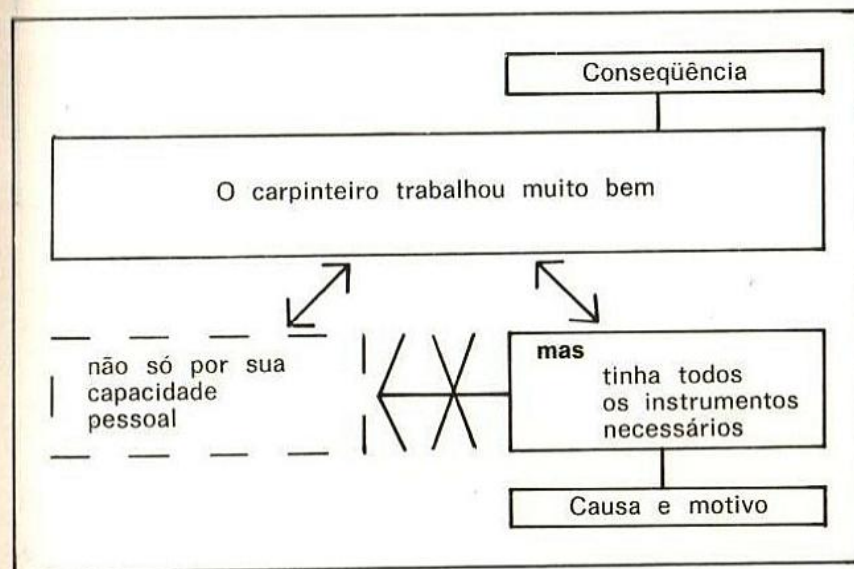
C.2. O primeiro explícito apresenta um fato positivo. O segundo, a causa que o justifica e de certa maneira poderia minimizá-lo.

Também ocorre intersecção com o binômio de causa e consequência.

O jogo adversativo está entre o segundo explícito e o implícito que se refere a uma outra causa, que não fica excluída, mas deixa de ser única.

Exemplos:

1. «O carpinteiro trabalhou muito bem, mas tinha todos os instrumentos necessários».
2. «O entusiasmo empolgou a todos, mas a causa merecia».
3. «Ele jogou admiravelmente, mas havia treinado durante meses».



3.13. Valor adversativo comparador por diferença

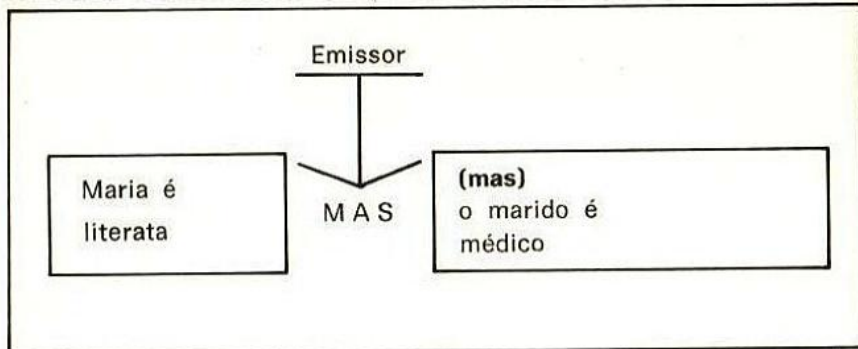
Consiste em:

- a) dois conjuntos de significados;
- b) ambos explícitos;
- c) o enunciado manifesta a atitude do emissor que usa o jogo adversativo, pondo em confronto os dois conjuntos mediante uma comparação por diferença.

Exemplos:

1. «Maria é literata, mas o marido é médico».
2. «A filha de Joana era loira, mas a de Margarida tinha cabelos pretos».

3. «Ela parece sensível, mas ele, duro como rocha».
4. «Os tigres são carnívoros, mas o rinoceronte come ervas».
5. «Este menino conta bem, mas o vizinho escreve lindamente».



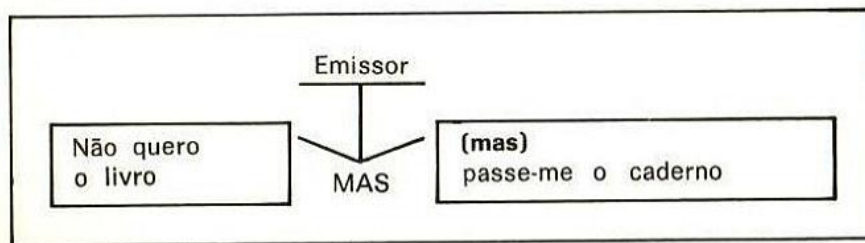
3.14. Valor adversativo entre algo negado e algo afirmado

Consiste em:

- a) dois conjuntos de significados;
- b) ambos explícitos;
- c) o adversativo ocorre pela atitude do emissor que nega um e afirma o outro.

Exemplos:

1. «Não quero o livro, mas passe-me o caderno».
2. «João não disse palavra, mas uma lágrima brilhou nos seus olhos».



3.15. Valor adversativo de desconexão

Consiste em:

- a) três conjuntos de significados;
- b) dos quais, dois estão explícitos e um, implícito;
- c) o primeiro explícito é uma premissa;
- d) o implícito é a sua dedução;
- e) o segundo explícito não se explica pela premissa; nem pela dedução que o texto apresenta; há uma quebra do nexa lógico;
- f) o adversativo ocorre nessa desconexão entre, de um lado, a premissa e sua dedução, e, do outro, o segundo conjunto explícito;
- g) o receptor nota que lingüisticamente não é apresentado o nexa que na ordem extralingüística deve existir.

Exemplos:

1. «Jesus ainda não saíra da Galiléia, mas a notícia de seus milagres já havia chegado a Enganim» (Eça de Queirós).
2. «Pintou um quadro maravilhoso, mas pincéis e tintas estavam estragados».
3. «Zezito mora num lugarejo, mas a fama de seu talento atingiu a capital».
4. «Carolina tem boa índole, mas o pai é criminoso».



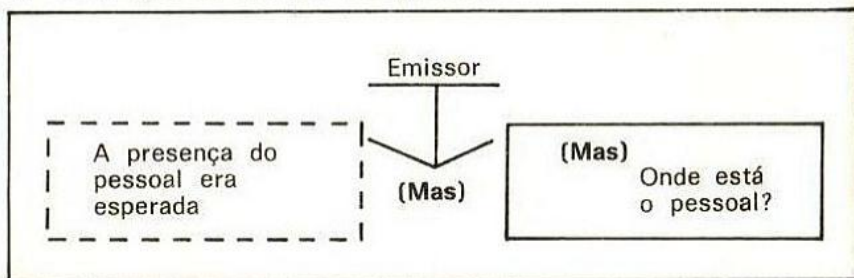
3.16. Valor adversativo de desencontro ou de decepção

Consiste em:

- dois conjuntos de significados;
- dos quais um está explícito e o outro implícito;
- o explícito, por ser uma interrogação adversa, manifesta o fato implícito que o emissor esperava encontrar.

Exemplos:

- «Mas onde está o pessoal?»
- «Mas por que não avisaram?»
- «Mas quando foi que ele partiu?»



3.17. Valor adversativo de reprovação (ou de aprovação)

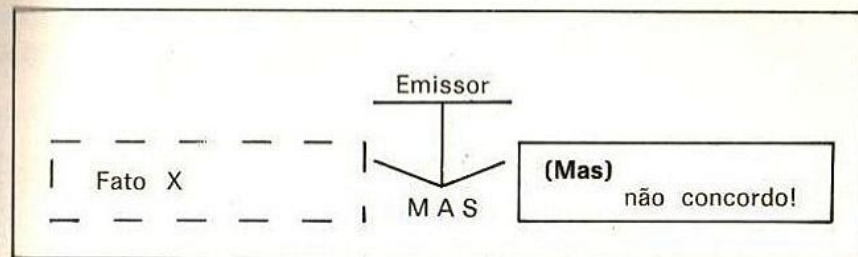
A) de REPROVAÇÃO

Consiste em:

- dois conjuntos de significados;
- um explícito e um implícito;
- supõe a atitude do emissor;
- o jogo adversativo está na atitude do emissor que reprova o conjunto implícito.

Exemplos:

- «Mas não concordo.»
- «Mas onde se viu.»
- «Mas, sim, senhor...»
- «Mas quem diria...»
- «Mas com efeito... só faltava essa!»



B) de APROVAÇÃO

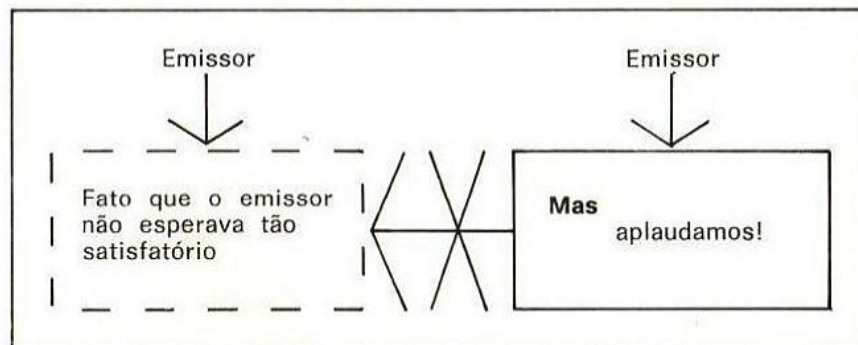
Consiste em:

- dois conjuntos de significados;
- um explícito e um implícito;
- este supõe uma situação que o emissor não esperava tão satisfatória;
- o explícito manifesta a surpresa e a aprovação do emissor;
- o adversativo está entre a surpresa do falante e sua expectativa anterior.

Exemplos:

- «Mas aplaudamos!»
- «Mas muito bem!»
- «Mas ótimo!»
- «Mas essa é boa!»
- «Mas eu concordo!»

Obs.: A entonação pode modificar o valor nestes casos, como aliás o faz em muitos outros contextos.



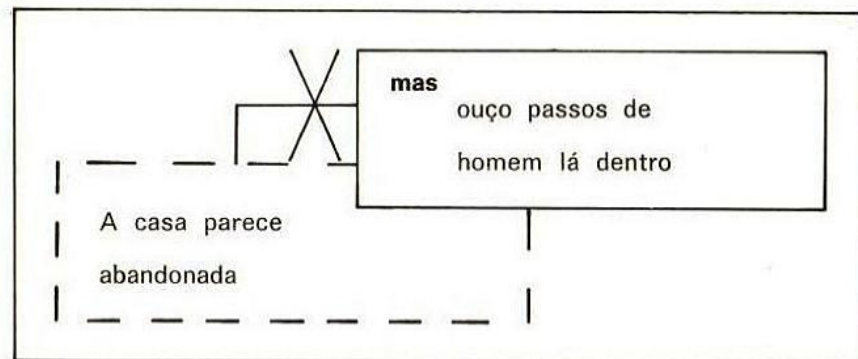
3.18. Valor adversativo refutativo

Consiste em:

- dois conjuntos de significados;
- ambos explícitos;
- o primeiro denota uma suposição;
- o segundo a refuta, e nisso ocorre a adversativa.

Exemplos:

- «A casa parece abandonada, mas ouço passos de homens lá dentro».
- «Pensas que no salão tudo era luz, mas Anita estava lá vestida de trevas».
- «Dir-se-ia que André passa indiferente, mas ele nota todos os pormenores».



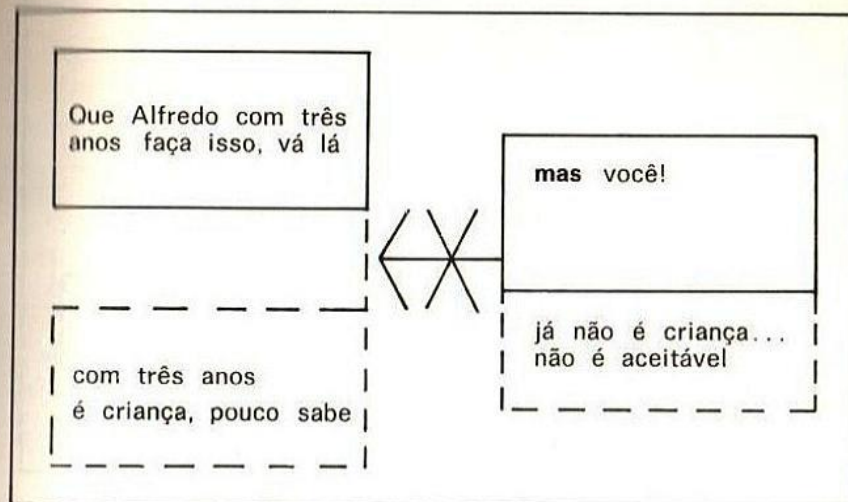
3.19. Valor adversativo por algo inaceitável

Consiste em:

- três conjuntos de significados;
- um explícito completo, outro explícito só em parte; o terceiro implícito;
- o adversativo está entre o explícito parcial e os outros dois conjuntos.

Exemplo:

Que Alfredo com três anos faça isso, vá lá... mas você!



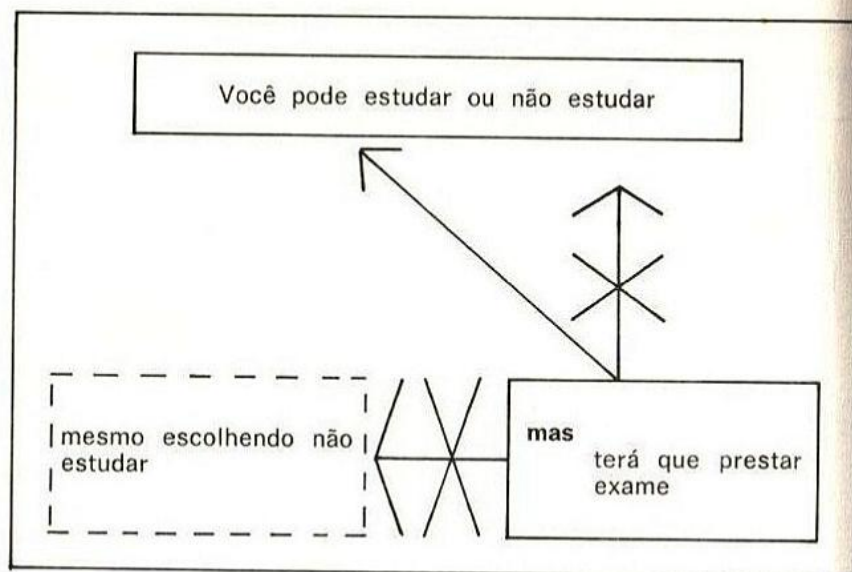
3.20. Valor adversativo de obrigatoriedade ou compulsivo

Consiste em:

- três conjuntos de significados;
- dois explícitos e um implícito;
- o primeiro explícito apresenta alternativas entre algo positivo e algo negativo;
- o adversativo está entre a possibilidade da escolha da alternativa negativa e a obrigatoriedade de escolher a positiva.

Exemplos:

- «Você pode estudar ou não estudar, mas terá que fazer exame».
- «O nordestino, tendo o que comer, ou não tendo, era obrigado a trabalhar».



Obs.: Entre o implícito e o segundo conjunto explícito, estabelece-se uma relação tradicionalmente chamada «concessiva».

3.21. É previsível que ocorra, em textos mais elaborados, «adversativo» que faça intersecção entre dois ou três tipos

É de supor que novas pesquisas possam aumentar a lista dos «adversativos».

Diante da riqueza dos valores lingüísticos, como não apelar por uma atitude científica?

À luz do estudo dos valores será possível tentar melhor a desejada reformulação da gramática, que não se fará por uma só pessoa, nem poderá realizar-se em pouco tempo.

A unidade-eixo das comunicações não é a palavra, nem a «função», mas o valor das relações que se fazem dentro do contexto, e que se serve de palavras e funções.

Desenvolver a semântica sincrônica da sintaxe é necessário para chegarmos à ciência da linguagem humana.

TIPOS DE ADVERSATIVO (Quadro geral)

1. Valor adversativo de inclusão	49
2. Valor adversativo de exclusão	50
3. Valor adversativo excludor de um elemento implícito	51
4. Valor adversativo objetativo	52
5. Valor adversativo contrastante	52
6. Valor adversativo descompensador pela consequência	53
7. Valor adversativo compensador	54
8. Valor adversativo atenuante	54
9. Valor adversativo atenuante pela possibilidade de vencer o obstáculo	55
10. Valor adversativo superativo	56
11. Valor adversativo pela apresentação de outro enfoque	59
12. Valor adversativo justificativo	59
13. Valor adversativo comparador por diferença	61
14. Valor adversativo entre algo negado e algo afirmado	62
15. Valor adversativo de desconexão	63
16. Valor adversativo de desencontro ou de decepção	64
17. Valor adversativo de reprovação (ou de aprovação)	64
17.a Valor adversativo de reprovação	64
17.b Valor adversativo de aprovação	65
18. Valor adversativo refutativo	66
19. Valor adversativo por algo inaceitável	66
20. Valor adversativo de obrigatoriedade ou compulsivo	67

Capítulo IV

SEMÂNTICA HOJE E O PROFESSOR DE PORTUGUÊS

4.1. Evocando alguns textos significativos, situaremos certos aspectos do desenvolvimento da ciência chamada «Semântica».

«... a relação da estrutura lingüística com o sentido é um problema que afinal terá de ser admitido e atacado» (Kroeber, pouco antes de morrer, ao prefaciá-la uma antologia de etnolingüística).²¹

Como dispensar, como ignorar o mundo dos significados? Sabemos que é necessário perscrutá-lo. Mas há uns trinta, quarenta anos atrás, não convinha tocar em assuntos semânticos. Pareciam intrincados demais, e giravam sobretudo em direções diacrônicas. Joaquim Mattoso Camara, referindo-se a correntes emanadas de Bloomfield, fez esta afirmação:

«A língua foi vista numa hierarquia de estruturas superpostas ou «níveis» estruturais referentes sucessivamente à fonologia, à gramática, ou «tática formal», e à semântica destacada como um *noli me tangere*».²²

Porém, continua Mattoso Camara (e veremos uma abertura para a semântica):

«... a famosa dicotomia de Humboldt entre forma externa e interna é a primeira afirmação nítida e coerente do estruturalismo lingüístico... já nessa afirmação inicial se admitia a estruturação semântica, como desmentido prévio à identificação arbitrária que se faz às vezes entre estruturalismo e anti-mentalismo».²³

A ciência humana progride por etapas. Não se pode investigar tudo ao mesmo tempo:

«As cogitações semânticas teriam sido banidas da lingüística numa espécie de divisão de trabalho, em que o lingüista só reservou para si o estudo do material fônico e suas combinações, como sendo a língua em sentido estrito».²⁴

Em 1928, escrevia Rohlfs:

«O campo da significação, que é de enorme importância, lamentavelmente ainda não ocupa o devido lugar nos cursos universitários».²⁵

Em 1966, Todorov dirige a publicação do primeiro número de uma revista nova, centralizando esse volume em assuntos semânticos:

«Cometeríamos erro, crendo que os grandes problemas da semântica já estariam resolvidos. As soluções de hoje podem nos aparecer amanhã como simplificações excessivas. Outro é o valor das teorias atuais: escolheram um bom ponto de partida para os estudos semânticos. Permitem acreditar que a semântica é e será uma ciência».²⁶

E um pouco adiante acrescenta:

«Apenas se começam a vislumbrar as perspectivas abertas por teorias semânticas que estão se elaborando...»²⁷

Para Weinreich *a sintaxe e a semântica, essas duas partes do processo lingüístico, se produzem simultaneamente*; os dois elementos se encontram de maneira constante em estreita cooperação. Ele insiste na profunda interpenetração de ambos. E nisso concorda com Chomsky.²⁸

Sintaxe e semântica. Semântica e sintaxe. Entre elas complementaridade.

Agora a situação progrediu, aparecem mais e mais estudiosos interessados nos segredos do «significado». Vejamos, por exemplo, trabalhos de Eugênio Coseriu na Universidade de Tübingen, de Kurt Baldinger em Heidelberg, de Klaus Heger, discípulo de Baldinger, de Bernard Pottier etc.

4.2. Há dezoito anos vem o Centro de Pesquisas Lingüísticas «Sedes Sapientiae» trabalhando em investigações a respeito do «funcionamento» da língua portuguesa, e tivemos muitas vezes a oportunidade de consultar Mattoso Camara entre muitos outros:

A pesquisa atravessou os seguintes momentos principais que apresentamos aqui um tanto esquematicamente:

- a) observação dos significados que o ouvinte capta ao receber a comunicação;

- b) consolidação de duas condições básicas: respeito ao contexto e libertação dos quadros gramaticais que a tradição nos legou;
- c) análise dos significados transmitidos, ao serem captados pelo ouvinte;
- d) comparação com a análise sintática;
- e) levantamento das «discordâncias» e observação das «diferenças»;
- f) busca de esclarecimentos que respondessem à pergunta: — qual a unidade analisada nestas pesquisas? Na análise sintática é a «oração ou proposição». Hoje sabemos que, nesta nova análise, é o significado de RELAÇÕES que constitui o VALOR semântico;
- g) formulação da hipótese que foi o ponto de partida para a etapa da pesquisa feita sob o patrocínio da «Fundação de Amparo à Pesquisa, do Estado de São Paulo»: «A unidade-eixo de nossas comunicações não é a frase nem a oração, e sim o 'valor' = significado de relações no contexto». Muito nos ajudou o incentivo de Mattoso Camara;
- h) todas as análises posteriores comprovaram a hipótese, que permanece válida ainda hoje;
- i) jovens professores começaram a aplicar a nova análise (inicialmente chamada «funcional», depois «relacional»), e, mesmo sem dispor de material didático adequado, notaram que suscitava bastante interesse já no curso secundário;
- j) surgem cartas, visitas, perguntas, pedidos de esclarecimentos, convites para palestras, encontros em tardes de sábado... inscrições de professores para estudo e prática dessa nova análise;
- k) no íntimo nós nos perguntávamos: ... em que domínio situar estes dados? Estamos em sintaxe? Em estilística? Em lingüística da *parole*? A pesquisa no funcionamento afinal para onde nos levou? — «Sintaxe» não parecia ser. Confrontando a nova análise e a sintática, vimos que muitas vezes diferem, sem que uma substitua a outra. Antes, completam-se.

— «Estilística» também não é. A esta interessa diretamente um fator de que a nova análise não se ocupa, o estético-emocional.

— «Lingüística da *parole*»... seara muito vasta, abrange muita coisa e assim não situa com a desejada precisão.

— Seria «semântica»? Mas está sempre tão entrelaçada com as construções sintáticas... Weinreich teria mesmo razão ao insistir «na profunda interpenetração de ambas»? Lembrou ele que os dois elementos, sintático e semântico, se produzem simultaneamente, e acham-se de maneira constante em estreita colaboração...;

- 1) então veio uma luz. Por que a semântica teria apenas por objeto o significado *das palavras*? Por que contentar-se com o enfoque diacrônico, à busca das causas da evolução dos mesmos significados das mesmas palavras? A perspectiva sincrônica deve ser bem mais rica. Assim como existe «semântica do léxico», por que não haveria a da sintaxe? E veio Todorov, reforçando a compreensão: «... as questões de sintaxe e de semântica devem receber soluções complementares. Não se pode considerar adequada qualquer teoria que tente conhecer o funcionamento da linguagem sem dar a explicação de seu mecanismo semântico... nenhuma teoria da sintaxe será satisfatória se não combinar harmoniosamente com a semântica».*

Após anos de reflexão, estudos e encontros, um especialmente para isso na Europa (1967), pudemos concluir: a investigação nos conduziu a uma SEMÂNTICA SINCRÔNICA ESTRUTURAL e focaliza sobretudo a semântica da sintaxe. Mattoso Camara concordou e alegrou-se.

Não se trata de semântica presa à diacronia, como a tradicional. Para muitos, ainda agora, o termo «semântica» evoca simplesmente a evolução dos significados de palavras através do tempo e espaço. Sem dúvida, nossa investigação foi diferente já no ponto de partida. Observando o funciona-

mento da mensagem captada pelo ouvinte e transmitida pelo falante, ficávamos num só ponto da linha do tempo: prendíamos-nos à sincronia.

4.3. Fomos animados a publicar alguns artigos, não por considerar o trabalho acabado. Bem longe disso, aliás.* Incentivaria os pesquisadores, ensaiaria uma resposta aos interessados que o Centro de Pesquisas não conseguia atender diretamente. E também por sabermos que o «ótimo freqüentemente é inimigo do bom». Estes estudos acham-se em fase de investigações. Se outros conhecerem, podem criticar, e as críticas são fatores construtivos. Há falhas de métodos e ausência de embasamento teórico definitivo. O inteligente professor chileno HELES CONTRERAS, no Congresso de Linguística e Filologia da ALFAL, quando em Montevideu, nos ajudou a compreendê-lo.

Dentro, contudo, das contingências em que se processam, são válidos sob vários aspectos.

Caberá aos estudiosos melhor equipados, de hoje ou de amanhã, a tarefa de retificar, desenvolver, esclarecer, ultrapassar e prosseguir.

Grandes etapas ainda não puderam ser feitas, como, por exemplo: distinguir na estrutura semântica os diferentes tipos de relacionamento gerador de valores; classificar os recursos lingüísticos sob os quais estes aparecem etc. Contudo, mesmo assim a *análise semântica sincrônica é necessária*.

4.4. Com as posições já conquistadas, parece lícito deduzir que essa nova análise é necessária ao ensino da língua sendo já possível em cursos secundário e superior.

É necessária porque a escola não pode continuar, em matéria de Português, distante da língua que funciona na vida, pois, na nossa existência cotidiana, os homens «jogam» com a linguagem, guiando-se espontaneamente pelos significados — o objeto da análise semântica.

Necessária também por desenvolver muito a habilidade no «jogo da língua». Tornar os homens mais competentes no emprego da língua, que tarefa importante para a vida em

sociedade! Oferecer a todos meios mais eficazes de utilizar a língua a fim de se exprimirem com fluência, clareza e adequação, foi um dos objetivos relevantes que nos animou a prosseguir nos passos tantas vezes áridos que se punham à nossa frente.

Procurar diminuir a zona dos mal-entendidos, aumentar então as ocasiões de encontro (leiam «de compreensão recíproca»), foi o dinamo capaz de transformar até cansaços em fonte de perseverança.

Desenvolver a habilidade no manejo da língua: nenhum professor de Português visará a meta diferente.

Quando conhecerem a análise semântica sincrônica, verão que seus esforços podem ficar ainda mais eficientes: semântica e sintaxe se completam.

Necessária também porque incrementa o raciocínio. Captar idéias que resultam de relações, verbalizá-las é trabalho de inteligência, assim como de sensibilidade lingüística.*

Ora, apelar para essas grandes faculdades humanas, treiná-las, fazer com que se exercitem no próprio ensino da língua materna, multiplica-lhes com facilidade as ocasiões de fortalecimento.

4.4.1. *Essa análise já é possível*

Já é possível em curso superior. Ainda que a ciência da língua não esteja de posse, atualmente, de todos os meandros do «jogo», e a semântica contemporânea se encontre no início, é todavia possível analisar qualquer comunicação com mentalidade de ciência. Busca-se analisar. Analisa-se o que se consegue. E deixa-se como problema aberto, aguardando maiores reflexões, o que não chega a ser convincente.

Se em curso superior tivermos de esperar o prévio estabelecimento da ciência, onde se farão estudos novos para aumentar a escada do saber?

A experiência destes anos, junto a universitários em São Paulo, mostra que semelhante análise, apresentada assim em termos de «pesquisa», abre legítima curiosidade para o estudo do Português, estimula o esforço, aproveita a contribuição de muitos, despertando às vezes grande entusiasmo.

E traz ainda outros frutos: esclarece os conceitos; confere maior precisão; torna-nos mais exigentes quanto à propriedade dos termos empregados ou das construções que fazemos.

Então sim o ensino da língua materna passa a beneficiar pela base os outros estudos. Sejam de Literatura, História, Geografia, Medicina, Direito, Engenharia, sejam de Ciências Exatas ou Humanas, sejam as Ciências Tecnológicas, seja o mundo da Arte e da Técnica, todo o saber humano supõe o conhecimento da língua e a compreensão dos significados que a semântica sincrônica focaliza.

Como desenvolve muito o raciocínio, a nova análise contribui grandemente para a formação do homem inteligente e culto.

Alguns dizem que o estudo do Latim e da Matemática são necessários para desenvolver o raciocínio. Hoje sabemos que a língua materna, na sua dimensão sincrônica, oferece numerosos recursos que são ginástica possante para a inteligência, e que estão muito diretamente ligados a interesses vitais do raciocínio, da expressão e comunicação.

Visto que a nova análise considera sempre o binômio «falante-e-ouvinte», as duas posições indispensáveis à comunicação, ela também aviva a capacidade de compreender os outros (quando se é receptor da mensagem), assim como desenvolve no emissor a agilidade de expressão.

4.4.2. Perguntaram se é possível ensiná-la em curso secundário

Responderemos que sim desde que haja uma dosagem didática gradativa.

Diversos volumes, *Cadernos de Exercícios*, estão sendo testados no âmbito escolar de professores que se interessaram (Editora VOZES Ltda.).

Os resultados até agora obtidos mostram-se muito satisfatórios.

Nesse período da adolescência é de suma importância que o professor de Português conduza o aluno a raciocinar, a esclarecer conceitos, habilite-o cada vez mais no uso da linguagem, desperte a capacidade tanto de compreender os outros como de se expressar, desenvolva o raciocínio etc. São atitudes fundamentais na vida como na escola.

E podem decorrer da prática da análise semântica sincrônica.

Não precisamos ter medo de apresentá-la como assunto vasto ainda não completamente conhecido. Surgindo dados cuja

explicação escape, deixar interrogação, convidando a mais estudo. (Um número excessivo de «casos» pode ser inoportuno, mas a dosagem didática de sã pedagogia evitará esse perigo.)

Já se foi o tempo — se é que um dia existiu — em que os alunos queriam «professor-sabe-tudo». Hoje buscam-se mestres amigos da verdade e que estudam juntamente com os alunos.

Esta análise semântica, em certos momentos, parecerá ao adolescente mais de acordo com a realidade de sua vida, do que a sintática, às vezes arbitrária. Porque na prática o jovem também, como qualquer adulto, guia-se pelos significados apreendidos na mensagem, mais que pelas formas aparentes.

Porém, atenção, a análise sintática é igualmente necessária.

Uma dosagem gradativa de ambas permitiria que fossem concomitantes. A dos valores semânticos não vem «substituir», e sim completar, preenchendo uma lacuna: ainda não era feito o estudo sistemático dos «significados de relações», âmbito da semântica sincrônica, ciência promissora, nesta era que tanto busca a criatividade do pensamento e a comunicação.

4.5. Antes de encerrar

Sintaxe, estudo das combinações. Semântica, ciência dos significados, cujo nome se fixou com Bréal, na França. (Semasiologia, termo usado por Reising em 1825, para designar o estudo da significação, ao qual, naquele início de século XIX, ele já queria atribuir um lugar importante entre as disciplinas gramaticais.)

— Diacronia, a linha evolutiva, histórica. Sincronia, a perspectiva estrutural que observa um determinado ponto.

— Semântica sincrônica: estudo dos significados que «esta mensagem comunica, neste momento, neste contexto».

— Semântica sincrônica da sintaxe: estudo dos valores de **RELAÇÕES**.

— Podemos aplicar também aqui a afirmação de Sperber, com ligeira adaptação: «... em poucos domínios da Linguística há tarefas de maior importância e interesse, ainda por fazer...»²⁶

— Idéias com que jogamos.

— Aspectos do «xadrez linguístico».

— E a língua portuguesa é um jogo muito rico.

— A fala de maneio tão fácil...

— Por que a escola não lhe analisaria o funcionamento semântico?

— Ainda se encontrará um critério rigoroso capaz de suprir nossas falhas atuais.

— Mas do valor semântico depende a *movimentação* do «jogo» da linguagem, a *dinâmica*. Nele está a unidade-eixo com que a *langue* funciona, e ao funcionar passa a ser *parole*, seja interior ou exterior.

— Após várias solicitações, quando pensamos pela primeira vez em publicar a tese que constituiu a razão inicial destas pesquisas, consultamos Mattoso e quisemos dar o título: *Dinâmica da Língua*. Depois, preferimos ficar em faixa mais precisa e o livro saiu com o nome, também preferido por Mattoso: *Nova Análise Semântica* (J. Ozon Editor, Rio 1972, cuja 4ª ed. revista vem a ser esta série de Fascículos).

Leva esperanças de que tal caminho, pequenino trilho mal e mal aberto, facilite a outros estudiosos um conhecimento melhor do verdadeiro funcionamento de nossa língua.

— Vem a propósito lembrar que se existir um número quase infinito de valores — visto que os contextos sempre poderão mudar e de novos contextos hão de surgir novos valores — isso não constitui obstáculos às pesquisas. A possibilidade do número imenso demais é apenas teórica. Cada enunciado vem a ser um todo em si com seus limites, o que torna o trabalho viável, operacional, e não excessivamente intrincado como alguns recearam.

— À ciência do jogo lingüístico não será preciso estabelecer com antecedência o quadro cabal de todos os valores possíveis. Conhecer os valores reais, de empregos concretos, abre o caminho para deduzir a organização do sistema da língua.

Listas fechadas de valores não serão feitas a priori e qualquer lista deixará a previsão de novos valores semântico-sintáticos, que outros contextos, em teoria possíveis, um dia os usuários da língua queiram inventar.

4.6. Tivemos o incentivo de JOAQUIM MATTOSO CAMARA JR. e SERAFIM DA SILVA NETO desde o início de nossas investigações. A ambos devemos ter chegado à tese de cá-

tedra universitária, em cuja banca examinadora compareceram CELSO FERREIRA DA CUNHA, WILTON CARDOSO, ANTENOR NASCENTES, GIULIO D. LEONI e JOSÉ ADELINO D'AZEVEDO.

— A estudiosos das Universidades de Lisboa e Coimbra devemos também muito, de maneira especial a busca de rigor no método: MANUEL DE PAIVA BOLEÃO, JOSÉ GONÇALO HERCULANO DE CARVALHO, LUIS FELIPE LINDLEY CINTRA, MARIA DE LOURDES BELCHIOR PONTES e em particular JACINTO DO PRADO COELHO. A todos estendo meu preito de admiração.

— Pesquisa enquanto «pesquisa», observa, constata, verifica, respeita, apresenta. Não podem os pesquisadores alterar os dados que encontram.

É o que temos procurado fazer.

Não tem sido insuperavelmente complicado, convém dizê-lo. Difícil sim, às vezes, conseguir a expressão adequada para explicar o valor semântico de certas relações, que são significantes por serem portadoras de significados, os quais nós captamos espontaneamente com agilidade.

Difícil também pela escassez de bibliografia em geral, e em particular de obras acessíveis sobre tal gênero de trabalho. Mas não intrincado demais, não tarefa intransponível.

— «A vida é crescimento de consciência», concordamos com Teilhard de Chardin. É aumento progressivo de mais luz. Isso exige paciência.

Mas quando a semântica sincrônica for mais conhecida, os homens poderão pensar com mais vigor, se entender melhor, e se expressarão com mais clareza.

NOTAS

1. C. K. Ogden e I. A. Richards. *The Meaning of Meaning*. 1ª ed., 1923; 8ª ed., 1946, Londres, Routledge e Kegan Ltd. Traduzido para o castelhano por Eduardo Prieto. Buenos Aires, Paidós, 1954, com o título: *El significado del significado*. O triângulo acha-se à p. 15.

2. Dámaso Alonso. *Poesia espanhola*. Trad., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1960, p. 17.

3. Joaquim Mattoso Camara Jr. *Problemas de Lingüística Descritiva*. 3ª ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1969, p. 45.

4. Joaquim Mattoso Camara Jr. *Princípios de Lingüística Geral*. Rio, Livr. Acadêmica, p. 118.

5. Joaquim Mattoso Camara Jr. *Op. cit.*, p. 113.
6. Joaquim Mattoso Camara Jr. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 7ª ed., Petrópolis, Ed. Vozes, verbete «Frase», 1977.
7. Bernard Pottier. «Sémantique et syntaxe», in *Mélanges Pierre Gardette*. Strasbourg 1966, p. 399.
8. Stephen Ullmann. *Précis de sémantique française*. 3ª ed., Berna 1952, p. 199-200.
9. Noam Chomsky. *Novas Perspectivas Lingüísticas*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1970, p. 34.
10. Noam Chomsky. *Op. cit.*, p. 35.
11. Consultar *Nova Análise Semântica*. S. Paulo, J. Ozon, 1970, p. 289-298, ou o primeiro fascículo desta série publicada por Vozes.
12. *Exercícios de Análise Semântica*. Volumes didáticos, no início publicados por J. Ozon, e atualmente por Vozes, Petrópolis 1976.
13. Sobre as oscilações de epistemólogos a respeito de métodos indutivo, dedutivo, consulte-se Louis Hjelmslev: *Prolegômenos a uma teoria del lenguaje*. Madri, Gredos, 1971, trad., p. 25-26.
14. Albert Sechehaye. *Essai sur la structure logique de la phrase*. Paris, Champion Editeur, p. 2. Eis suas palavras: «Il n'est pas bon de réfléchir un peu profondément sur les formules, car on en découvre aussitôt les insuffisances. Et comment l'esprit de l'homme pourrait-il s'intéresser à ce qui ne supporte pas la réflexion?»
15. Joaquim Mattoso Camara Jr. *Dicionário de Fatos Gramaticais*. Rio, Ministério da Educação e Cultura, 1956, p. 12. Aludindo à necessidade de se chegar ao conhecimento científico, diz: «É por não atentar nessa verdade que a nossa gramática escolar, mesmo depois de adereçar-se com o eruditismo da Filosofia, patinha em regras estereis, falazes e contraditórias, e perturba, muito mais que ruge, o uso eficiente da língua falada e escrita».
16. Antoine Meillet. *Linguistique historique et linguistique générale*. T. II, Paris 1951, p. 139.
17. Henri Delacroix. *Le langage et la pensée*. 2ª ed., Paris, Librairie Félix Alcan, 1930, p. 139.
18. Sim, a «Pesquisa no Funcionamento da Língua Portuguesa» tentou fazê-lo, ainda que, naquele tempo, cuidasse mais dos valores relacionados que do relacionamento dos valores. A posição atual é fruto posterior.
19. Ferdinand de Saussure. *Cours de linguistique générale*. 5ª ed. Paris, Payot, 1955, p. 145.
20. Com a abreviatura «An.» faremos referência a *Análises da Pesquisa no Funcionamento da Língua Portuguesa*, da autora, já citada.
21. As notas A e B encontram-se no final deste capítulo II.
22. Madre M. Olivia (Cília Coelho Pereira Leite). *Pesquisa no Funcionamento da Língua Portuguesa*. São Paulo 1961, p. 249-404.
23. Ver no final deste capítulo II.
24. Ferdinand de Saussure. *Op. cit.*, p. 155.
25. Mário Pereira de Souza Lima. *Gramática Portuguesa*. 2ª ed., Rio, José Olympio, 1945, p. 26.
26. Antenor Nascentes. *O Idioma Nacional*. Vol. III, 1942, p. 60.

27. Joaquim Mattoso Camara Jr. *O Estruturalismo*. Tese apresentada no 1º Seminário de Lingüística em Marília, Estado de São Paulo, 1966, p. 17.
28. Joaquim Mattoso Camara Jr. *Op. cit.*, p. 17.
29. Joaquim Mattoso Camara Jr. *Op. cit.*, p. 5.
30. Joaquim Mattoso Camara Jr. *Op. cit.*, p. 14.
31. Rohf, G. *Sprache und Kultur*. Berlin 1928, apud Kurt Baldinger. *La semasiologia*, Rosário, Argentina 1964, p. 4.
32. Tzvetan Todorov. «Recherches Sémantiques», in *Langages*. N. 1, Paris, Didier-Larousse, 1966, p. 43.
33. Tzvetan Todorov. *Op. cit.*, p. 43.
34. Weinreich. In *Langages*. N. 1, p. 40.
35. Tzvetan Todorov. *Op. cit.*, p. 42-43.
36. *Nova Análise Lingüística*. Síntese de um trecho da primeira etapa da pesquisa realizada sob o patrocínio da FAPESP, sob a coordenação de Madre Olivia. Edição do CEN-PES, São Paulo 1966.
— «Un centre de recherches linguistiques à São Paulo», in *Orbis*, Lovaina, tomo XVII, n. 1, 1968.
— «Relações em Língua Portuguesa», in *Revista de Portugal*. Série A, Língua Portuguesa, Lisboa, julho, 1967, p. 296-308.
— «A linguagem, um jogo de valores», in *Atas do XI Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românicas*. Madri 1968.
— «Une analyse possible au niveau sémantique de la syntaxe», in *Revue Roumaine de Linguistique*. Tomo XIV, n. 5, Bucareste 1969.
— Três volumes de iniciação à análise semântica, exercícios práticos, sob a forma de «cadernos para uso em sala de aula». Inicialmente editados por J. Ozon Editor e agora pela Editora Vozes, Petrópolis, RJ (a partir de 1976).
37. Foi trocando idéias na Universidade de Bonn com Harri Meier, cujas diretrizes acham-se nas raízes da tese que deu origem às pesquisas em andamento desde 1962, que, nesta passagem, acrescentamos por sugestão dele: «... e de sensibilidade lingüística».
38. Kurt Baldinger. *La semasiologia*. Trad. do original alemão, revista pelo autor. Faculdade de Filosofia e Letras, Rosário, Argentina 1969, p. 4:
— (Sperber teria dito: «Em nenhum domínio da lingüística há tarefas de maior importância e interesse ainda por fazer. Preferimos trocar o trecho «Em nenhum domínio...» por «Em poucos domínios... etc.»).

Este livro foi composto
e impresso nas oficinas
gráficas da
Editora Vozes Limitada
Rua Frei Luís, 100
Petrópolis, Estado do Rio
de Janeiro, Brasil.



Rua Frei Luís, 100 - Tel.: 43-5112 *
Caixa Postal 23. End. Telegr.: VOZES
25.600 Petrópolis, Estado do Rio
CGC 31.127.301/0001-04
Inscr. Est. 80.647.050

Filiais:

20.031 *Rio de Janeiro*: Rua Senador Dantas, 118-I
Tel.: 242-9571
21.350 *Rio de Janeiro*: Rua Carvalho de Souza, 152 - Madureira
Tel.: 359-3661
01.006 *São Paulo*: Rua Senador Feijó, 158 e 168
Tels.: 32-6890 - 36-2064 e 36-2288
01.414 *São Paulo*: Rua Haddock Lobo, 360 (ao lado do Colégio São Luís)
Tels.: 256-0611 e 256-0361
12.900 *Bragança Paulista*: São Paulo - Av. Miguel Coclicov, s/n
Tel.: 433-3675
30.000 *Belo Horizonte*: Rua Tupis, 85 - Loja 10
Tels.: 222-4152 - 226-0665 e 226-5383
90.000 *Porto Alegre*: Rua Riachuelo, 1280
Tel.: 25-1172
70.730 *Brasília*: CLR/Norte - Q. 704 - Bloco A - Nº 15
Tel.: 233-2436
50.000 *Recife*: Rua Conselheiro Portela, 354 (Espinheiro)
Tel.: 222-6991
50.000 *Recife*: Rua da Concórdia, 167
Tel.: 224-3924
80.000 *Curitiba*: Rua Alferes Póli, 52
Tel.: 33-1392

Representante:

60.000 *Fortaleza*: Ceará Ciência e Cultura Ltda.
Rua Edgar Borges, 89. Tel.: 26-7404